



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUAS
E LITERATURAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

LEONARDO DA CONCEIÇÃO SOARES

**A LITERATURA FANTÁSTICA CONTEMPORÂNEA COMO FERRAMENTA
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: DO DEVER AO PRAZER DE LER**

GUARABIRA-PB

2020

LEONARDO DA CONCEIÇÃO SOARES

**A LITERATURA FANTÁSTICA CONTEMPORÂNEA COMO FERRAMENTA
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: DO DEVER AO PRAZER DE LER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Letras da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial para a conclusão do Curso de
Especialização em Ensino de Línguas e
Literaturas na Educação Básica.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva.

GUARABIRA-PB

2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S676l Soares, Leonardo da Conceição.

A literatura fantástica contemporânea como ferramenta para formação do leitor [manuscrito] : do dever ao prazer de ler / Leonardo da Conceição Soares. - 2020.

58 p. : il. colorido.

Digitado.

Monografia (Especialização em Ensino de Língua e Literaturas na Educação Básica) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades , 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Rosângela Neres Araújo da Silva , Departamento de Letras - CH."

1. Leitura Literária. 2. Literatura Fantástica. 3. Estética da Recepção. 4. Método Recepcional. 5. J K Rowling. I. Título

21. ed. CDD 028

LEONARDO DA CONCEIÇÃO SOARES

**A LITERATURA FANTÁSTICA CONTEMPORÂNEA COMO FERRAMENTA
PARA A FORMAÇÃO DO LEITOR: DO DEVER AO PRAZER DE LER**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Coordenação do Curso de
Letras da Universidade Estadual da
Paraíba como requisito parcial para a
conclusão do Curso de Especialização em
Ensino de Línguas e Literaturas na
Educação Básica.

Aprovado em: 09/ 10/ 2020.

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Auricélio Soares Fernandes

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Me. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos

Instituto Federal da Paraíba (IFPB)

Ao Divino Espírito Santo, meu precioso amigo e hóspede de minha alma, e à sua fidelíssima esposa, aquela que trouxe em seu seio o Senhor criador do mundo, a minha Senhora, meu bem, meu amor e Rainha do meu coração, a Santíssima Virgem Maria, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todo o cuidado de pai e pela sua presença santificante em minha vida, pois, mesmo sozinho fisicamente, a sua presença a meu lado foi constante, por isso, a Ele o meu mais profundo louvor.

Ao seu filho Jesus Cristo, por sempre se mostrar um caminho seguro, a fonte da verdade e da vida, principalmente, quando meus olhos não conseguiam encontrar a direção.

Ao Divino Espírito Santo, hóspede de minha alma, por todas as inspirações suscitadas em meu coração, pois, a sua presença me atestava que eu era capaz porque Ele estava comigo.

À Santíssima Virgem Maria, soberana princesa, a quem tudo está submisso no céu e na terra, e a quem eu submeti toda a minha vida.

À professora Dr.^a Rosângela Neres Araújo da Silva, pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação, por toda a dedicação e paciência na realização deste trabalho.

Ao meu pai Nildo, à minha mãe Maria, à minha avó Severina e à minha irmã Natália Fernanda por todo apoio em minha formação e, principalmente, neste período turbulento.

Ao professor Paulo Ávila pela proposta do curso de Especialização e por todo o companheirismo e presteza ao longo dessa jornada.

Ao professor Auricélio Soares Fernandes e à professora Clara Mayara de Almeida Vasconcelos, pela disponibilidade na análise deste trabalho.

Aos amigos Genes e Josinaldo pelas acolhidas importantíssimas possibilitando que eu tivesse um lugar propício para a produção deste trabalho.

Aos professores do Curso de Especialização em Ensino de Línguas e Literaturas na Educação Básica da Universidade Estadual da Paraíba que contribuíram ao longo dos componentes curriculares para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos secretários do curso de Pós-Graduação da UEPB pela prontidão e atendimento quando nos foi necessário.

“Compreender a mensagem, compreender-se na mensagem, compreender-se pela mensagem – eis aí os três propósitos fundamentais da leitura [...]. Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”.

(SILVA, 2005, p. 45).

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo principal apontar caminhos para o trabalho da leitura literária, nos anos finais do ensino fundamental, aspirando a aquisição da prática da leitura pelos alunos, servindo-se das etapas propostas pelo Método Recepcional que é originário da Estética da Recepção, tendo como ferramenta a Literatura Fantástica, especificamente a obra *Os contos de Beedle, o Bardo* (2017), da autora J. K. Rowling, que pertence ao universo da saga *Harry Potter*. Para tanto, propomos inicialmente refletir acerca do problema da leitura no Brasil e discorrer acerca dos conceitos da Estética da Recepção que originou, posteriormente, o Método Recepcional, assim como, abordar os caminhos e conceitos da Literatura Fantástica. Em seguida, apresentamos um resumo da obra *Os contos de Beedle, o Bardo* (2017) em relação aos gêneros da Literatura Fantástica e, por fim, expomos a proposta de trabalho em sala de aula a partir da Literatura Fantástica e do Método Recepcional. Como parte do processo metodológico, adotamos um caráter de Pesquisa-Ação, sob referencial teórico de Hans Robert Jauss (1978, 1994) a partir da leitura de Zappone (2004) que discorrem sobre a Estética da Recepção, de Bordini e Aguiar (1988) mediante os estudos de Mello (2010) que estruturam o Método Recepcional, os estudos de Tzvetan Todorov (2007) sob análise de Marisa Martins Gama-Khalil (2013) e ainda os estudos de David Roas (2014) acerca da Literatura Fantástica, assim como, os trabalhos de Antonio Candido (2002, 2009) sobre a função da literatura, resultando em uma proposta de intervenção que espera dispor aos professores de Língua Portuguesa uma opção de trabalho para a leitura literária na escola e a formação de leitores partindo da Literatura Fantástica.

Palavras-Chave: Leitura Literária. Literatura Fantástica. Estética da Recepção. Método Recepcional. J. K. Rowling.

ABSTRACT

The present work has as main objective to guide paths to literary reading work in the final years of basic education aspiring the acquisition of reading practice by students using steps proposed by the Receptional Method which comes from Receptional Aesthetics, using as a tool the Fantastic Literature, specifically the literary work *Os contos de Beedle, o Bardo* (2014), by author J.K. Rowling, that belongs to the fantastic saga university of Harry Potter. Therefore, we propose to reflect about the problem of reading in Brazil and discourse about concepts of Receptional Aesthetics which originated, posteriorly, the Receptional Method, and to approach the ways and concepts of Fantastic Literature. Then, we present a resume of the literary work *Os contos de Beedle, o Bardo* (2014) in relation to genders of Fantastic Literature and, finally, we expose the classroom work proposal from fantastic Literature and the Receptional Method. As part of our methodological process, we have adopted an Research- Action character, using as theoretical framework Hans Robert Jauss (1978, 1994) from reading of Zappone (2004) who discuss the Aesthetics of Receptional, by Bordini and Aguiar (1988) through the studies of Mello (2010) that structure the Receptional Method, the studies of Tzvetan Todorov (2007) through analysis by Marisa Martins Gama-Khalil (2013) and studies of David Roas (2014) about Fantastic Literature, as well as, the works of Antonio Cândido (2002, 2009) about function of literature, resulting in a intervention proposal that expect provide Portuguese language teachers a work option for literary reading at school and the training of readers based on Fantastic Literature.

Keywords: Literary Reading. Fantastic literature. Aesthetics of Reception. Receptional method. J. K. Rowling.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR	12
2.1	Leitura de Literatura	14
2.2	Literatura Fantástica	20
3	O CONTO FANTÁSTICO/MARAVILHOSO	25
4	A LITERATURA FANTÁSTICA EM SALA DE AULA	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
	REFERÊNCIAS	45
	ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

Com o avanço das ciências linguísticas e a explosão dos estudos acerca dos gêneros textuais, muitas pesquisas têm surgido nos últimos anos acerca da problemática da leitura e da formação de leitores na educação básica, tendo em vista os índices negativos das avaliações de desempenho dos alunos do Brasil, a exemplo do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa)¹, que tem demonstrado um indicador alto da problemática leitora por parte dos jovens estudantes em todo o território nacional.

Entretanto, o que os indicadores revelam, já é comumente observável nas salas de aula do Brasil, ou seja, a aversão dos alunos para com as leituras que são sugeridas na escola. Não é raro encontrar uma batalha no que concerne à leitura de textos e livros pelos alunos, onde muitos atestam frequentemente não gostar de ler, e ainda apontam a dificuldade que têm de compreender o que leem. Situação que ainda se agrava quando a leitura é de um texto literário.

Contudo, ao nos voltarmos aos anos iniciais de formação dos alunos, percebemos que quando a criança está aprendendo a ler, ela não tem essa aversão à leitura que é observada nos jovens. Pelo contrário, a criança geralmente gosta de ler, pois, ela começa a compreender o mundo que está à sua volta e passa a ligar aquilo que ela aprende na sua escola com a sua vida pessoal. Portanto, cabe-nos compreender o que pode estar resultando esta mudança.

Segundo Kaspari, Mügge e Saraiva (2016), o evidente menosprezo da leitura pelos alunos é apontado como decorrência da má formação dos profissionais da área da educação, que acabam por transferir o problema para o ensino fundamental e médio, pois, conforme assevera Almeida (2016, p. 168) é de extrema necessidade que o professor “seja um grande leitor de literatura e, não somente um divulgador de teorias”.

Em outras palavras, é imprescindível que o professor tenha conhecimento da necessidade humana da literatura e das suas funções sociais, tal como assevera Antonio Candido ao nos dizer que a literatura possui três funções, “satisfazer a necessidade universal de fantasia”, “contribuir para a formação da personalidade” e permitir o “conhecimento do mundo e do ser” (CANDIDO, 2002, p. 85), ou seja, o professor precisa saber que a função primordial da literatura é humanizar o homem.

Desse modo, partindo dessa compreensão, a literatura possui a capacidade de abranger os objetivos propostos pela educação, conforme nos direciona a Lei de Diretrizes e Bases: “a

¹ A última edição do Pisa, aplicada em 2018, revelou que 50,1% dos brasileiros que fizeram a prova, ou seja, mais da metade dos estudantes de 15 anos de idade, estão abaixo do nível baixo de aprendizagem em leitura, e esse número está estagnado há 10 anos. (OCDE/Pisa, 2019).

educação [...] tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. (LDB 9.394/1996, Art. 2º), pois, acima de tudo ela tem a capacidade de confirmar a humanidade do homem (CANDIDO, 2002).

Contudo, no dizer de Antonio Cândido (2009, p. 25), para que a literatura possa operar como um sistema, faz-se necessário “a existência de um conjunto de produtores literários”, “um conjunto de receptores” e, ainda “um mecanismo transmissor que liga uns aos outros”, portanto, uma tríade, autor, texto, leitor que, segundo Cechinel (2013, p. 114), já é usada pelo professor, pois, “[...] quer saiba disso ou não, ao selecionar seu material e a ele conferir determinado tratamento, o professor de literatura aciona a conhecida tríade autor, leitor e obra e seus desdobramentos teóricos”.

Porém, ao longo da história da crítica literária, os estudos literários sempre se voltaram para o autor ou para o texto, desconsiderando o leitor, que só passou a ser visto com o advento da Estética da Recepção, e, com base nesta linha, notamos que embora haja dificuldades do trabalho com a leitura nos anos finais do ensino fundamental, existem, por sua vez, alguns tipos de literatura que foram capazes de atrair o público jovem mais do que outros e, ao voltarmos esse olhar para o que o leitor gosta de ler, adentramos o campo da Estética da Recepção.

Dentre os tipos de literatura que atraíram o público juvenil, podemos destacar a literatura que engloba obras célebres como *As Crônicas de Nárnia* de Clive Staples Lewis, *O Senhor dos Anéis* de John Ronald Reuel Tolkien, assim como, obras contemporâneas como a saga *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling, e outras que ganharam um alto nível de sucesso e vendas tornando-se *best-sellers*. Obras que obtiveram maior espaço, sobretudo, entre os jovens.

Ao percebermos o sucesso dessas obras entre o público que afirma frequentemente não gostar de ler, perguntamo-nos o que essas obras têm que foram capazes de tão grande feito. Acreditamos que um dos principais fatores seja o tipo de literatura a que essas obras pertencem, ou seja, a Literatura Fantástica que, segundo Tzvetan Todorov (2007, p. 31), define-se como “a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”, especificidades que as referidas obras trazem em comum.

Deste modo, mediante o sucesso que as obras da Literatura Fantástica têm obtido em meio ao público jovem, este projeto de pesquisa tem por objetivo geral apontar caminhos para o trabalho da leitura literária nos anos finais do ensino fundamental aspirando a aquisição do prazer e da prática da leitura pelos alunos, tendo como ferramenta a obra *Os contos de Beedle, o Bardo*, que pertence ao fantástico universo da saga *Harry Potter*, da autora J. K. Rowling.

Por objetivos específicos propomos: refletir sobre os caminhos para a leitura literária a partir das vertentes da Teoria da Recepção; conhecer as teorias acerca da Literatura Fantástica;

analisar a obra *Os contos de Beedle, o bardo* de J. K. Rowling sob a perspectiva da Literatura Fantástica; apresentar proposta de trabalho pedagógico em sala de aula a fim de estimular os processos de leitura, compreensão e discussão textual nos anos finais do ensino fundamental.

Como parte do processo metodológico, este trabalho tem um caráter de Pesquisa-ação que segundo Prodanov & Freitas é “[...] concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. (PRODANOV & FREITAS, 2013, p. 65).

A percepção da falta de interesse dos alunos pela leitura de livros na escola, assim como a escassez de trabalho com literatura nas salas de aula dos anos finais do ensino fundamental, onde muitas vezes o único acesso que os alunos possuem aos livros são de recortes de obras presentes nos livros didáticos e, em contrapartida, o sucesso que algumas obras da Literatura Fantástica obtiveram em meio ao público jovem é o que nos leva à realização desta pesquisa, a fim de perceber se dado tipo de literatura pode influenciar no desejo de leitura dos alunos. Deste modo, partimos da seguinte problemática: os alunos dos anos finais do ensino fundamental podem despertar o interesse pela leitura a partir de obras pertencentes à Literatura Fantástica?

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tomamos por referencial teórico o conceito de Estética da Recepção definido por Hans Robert Jauss (1978, 1994) a partir da leitura de Zappone (2004) e do Método Recepcional de Bordini e Aguiar (1988) mediante os estudos de Mello (2010), os estudos acerca da Literatura Fantástica de Tzvetan Todorov (2007) e análise de Marisa Martins Gama-Khalil (2013) e ainda os estudos de David Roas (2014); assim como, os trabalhos de Antonio Cândido (2002, 2009) acerca da função humanizadora da literatura.

Este trabalho de conclusão de curso encontra-se dividido nas seguintes partes: O primeiro capítulo nomeado “Leitura literária e formação do leitor”, busca refletir acerca da formação do leitor a partir dos conceitos da Estética da Recepção e do Método Recepcional em união à Leitura Literária, assim como, aborda os caminhos e conceitos da Literatura Fantástica ao longo do tempo, desde a primeira reunião desses estudos até alguns estudos mais recentes.

No segundo capítulo, intitulado como “O conto fantástico/maravilhoso”, expomos as análises dos contos presentes no livro *Os contos de Beedle, o Bardo*, livro de contos base de nossa proposta que é pertencente ao épico universo da saga *Harry Potter* de Joanne Kathleen Rowling a partir da perspectiva da Literatura Fantástica. No terceiro capítulo intitulado “A Literatura Fantástica em sala de aula”, apresentamos a proposta de aplicação da obra *Os contos de Beedle, o Bardo* como ferramenta para a formação do leitor partindo do Método Recepcional. E, por fim, apresentamos as nossas considerações finais, referências e os anexos deste trabalho.

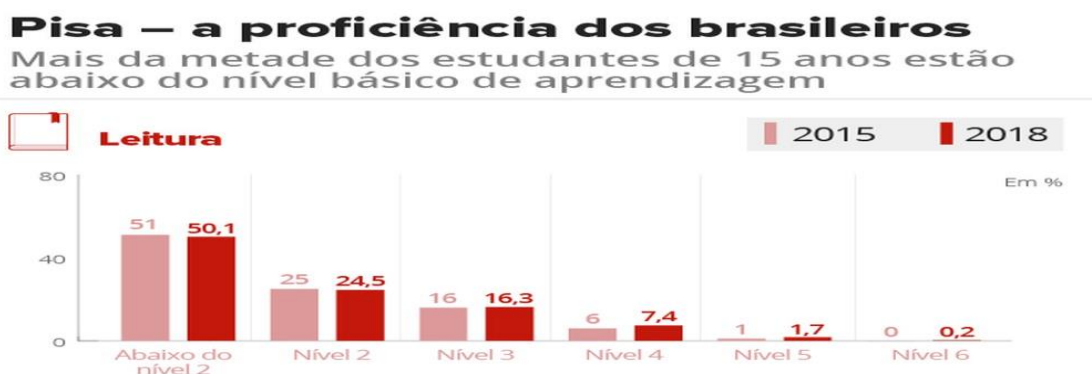
2 LEITURA LITERÁRIA E FORMAÇÃO DO LEITOR

Ao pensarmos na escola e as funções que ela assume, observamos que o processo de alfabetização se encontra em destaque, pois, se compreende que a aprendizagem da leitura e da escrita é incontestável para a plena formação do ser humano. Deste modo, é fácil compreender o porquê de a escola promover, já na chegada do aluno, o processo de alfabetização do educando, pois, ela considera a leitura como um processo necessário à formação do indivíduo em seus mais variados desdobramentos sociais.

Entretanto, embora o processo de alfabetização esteja no centro da vida escolar do educando, percebemos que, no que concerne à leitura, o resultado obtido não tem sido o esperado, ou seja, conforme os alunos avançam na vida escolar, vão criando aversão à leitura na sala de aula, e, principalmente, demonstrando uma incompetência leitora que se traduz nos resultados das avaliações de desempenho, a exemplo do Pisa que apontou o Brasil com uma baixa proficiência em leitura.

O Pisa é uma avaliação mundial aplicada, desde o ano 2000, a cada 3 anos, em dezenas de países com uma prova que avalia conhecimentos de leitura, matemática e ciências, objetivando mensurar até que ponto os jovens de 15 anos adquiriram conhecimentos e habilidades essenciais para a vida social e econômica. A edição mais recente foi aplicada em 2018 onde 79 países, abrangendo 600 mil estudantes, participaram do teste e teve seus resultados divulgados em dezembro de 2019.

No Brasil, 10.691 alunos de 638 escolas fizeram a prova em 2018. Nesta edição foi observado que 50,1% dos brasileiros não atingiram o mínimo de proficiência que todos os jovens devem adquirir até o final do ensino médio, ou seja, mais da metade dos estudantes de 15 anos de idade estão abaixo do nível básico de aprendizagem em leitura, conforme infográfico abaixo, e este número está estagnado desde 2009, ou seja, há 10 anos.



Pisa – A proficiência dos brasileiros em leitura em %

Fonte: OCDE/Pisa

De acordo com o infográfico acima disponibilizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a respeito da proficiência dos brasileiros no que concerne à leitura, percebemos que a verificação de aprendizagem é efetivada através de 6 níveis de aprendizagem mediante uma pontuação mínima em cada nível. Os níveis de aprendizagem são assim divididos: o nível 1 se subdivide em 3 subníveis, ou seja, subnível 1c, 1b e 1a. A pontuação mínima do subnível 1c é de 189 pontos, a do subnível 1b é 262 pontos e a do subnível 1a é de 335 pontos. A pontuação que não atinge ao subnível 1c não é considerada. No infográfico, todo esse conjunto foi classificado como “Abaixo do nível 2” e compreendeu mais da metade dos estudantes brasileiros. A partir daí, temos o nível 2 que exige a pontuação mínima de 407 pontos; o nível 3, 480 pontos; o nível 4, 553 pontos; o nível 5, 626 pontos e o nível 6, 698 pontos.

A partir deste infográfico, também é possível estabelecer um comparativo entre a última edição do Pisa em 2018 com a sua penúltima edição, em 2015, o que nos leva à observação de que em 2015 51% dos alunos estavam abaixo do nível 2, e em 2018, 50,1%, ou seja, mais da metade dos alunos avaliados em ambos os anos. Em 2015, 25% dos alunos atingiram o nível 2 e em 2018, 24,5%; quanto ao nível 3, 16% atingiram em 2015 e em 2018 16,3%; já o nível 4 abrangeu 6% dos alunos em 2015, e em 2018, 7,4%; também em 2015 apenas 1% dos alunos atingiu o nível 5 e, em 2018, 1,7%; já o nível 6, não foi alcançado por nenhum aluno em 2015, portanto, 0%, e em 2018 apenas 0,2%.

Com este resultado, o Brasil foi colocado entre os 20 piores países em ranking internacional de educação, contudo, a problemática que os números trouxeram consolidou aquilo que já era observado no dia-a-dia nas escolas do Brasil, ou seja, da dificuldade de leitura, compreensão e da aversão que os alunos apresentam para com a leitura que é sugerida na escola, sobretudo quando se trata da leitura de literatura.

Entretanto, vale ressaltar que os discursos propagados rotineiramente de que os jovens não gostam de ler só pode ser levado em consideração quando se trata das leituras sugeridas na escola, pois, esse mesmo discurso cai por terra quando é observado os espaços em que os jovens estão inseridos, como por exemplo, as redes sociais e a internet, que exigem de seus usuários a prática constante de leitura, afora que existem mesmo tipos de literatura que conseguiram um alto nível de sucesso entre este mesmo público. Logo, percebemos que na verdade não é que o jovem não goste de ler, como é comumente afirmado, mas, que está havendo uma disparidade do que o jovem gosta de ler e o que a escola quer que ele leia.

Não se quer dizer com esse discurso que a escola não deva mais ensinar os seus conteúdos e a literatura necessária, mas, o que aqui se defende é que a experiência leitora do estudante seja levada em consideração, pois, na maioria das vezes isso não acontece, visto que ninguém abre mão de ensinar o que o currículo propõe, contudo, conforme afirma Paes (1990 *apud* ROTTINI & PRADO, 2016, p. 2) acerca da literatura de massa, comumente desmerecida pela escola, “os leitores da literatura de entretenimento, ou seja, a literatura de massa são os futuros leitores da literatura chamada ‘cultura’, sendo que esta não pode dispensar de ter ao seu lado aquela, que seria o primeiro passo na formação do leitor”.

Sendo assim, a escola não deve descartar, nem menosprezar a literatura de entretenimento, pois, pela facilidade com que ela chega aos jovens, torna-se um caminho aberto capaz de contribuir para que esses mesmos jovens potencializem seu papel de leitores, mas, para que essa mudança ocorra de fato, faz-se necessário que haja uma mudança de abordagem, ou seja, que se deixe de levar em consideração apenas o autor e o texto e que se passe à compreensão da importância que o leitor tem no processo de leitura, pois, embora essa visão já venha se alterando na crítica literária, na prática das salas de aulas ainda caminha a passos lentos.

2.1 Leitura de Literatura

Como já mencionado anteriormente, um dos maiores problemas encontrados hoje nas aulas de literatura é o menosprezo pela leitura que grande parte dos alunos apresentam. Convém, contudo, que antes de avançarmos nesta discussão, apresentemos aqui o conceito de leitura para que a discussão se estabeleça com maior qualidade. Portanto, segundo Maria Helena Martins, a leitura pode ser definida como

[...] um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido. (MARTINS, 2003, p. 30).

Deste modo, a leitura está relacionada não apenas à decodificação de sinais gráficos, mas, à compreensão das expressões formais nos mais variados tipos de linguagem. É importante essa compreensão, pois, muitos alunos que estão presentes em nossas salas de aula até conseguem, mesmo que com certa dificuldade, decodificar as palavras escritas, contudo,

apresentam dificuldades de compreensão das ideias que ele decodificou, mesmo se tratando de frases curtas e simples, o que os leva, conseqüentemente, a desenvolverem uma antipatia para com a leitura e os livros, pois, ninguém sente prazer de “ler” aquilo que não entende.

Contudo, podemos afirmar que parte dessa ocorrência se deva à má formação dos alunos que não são formados na escola para uma leitura autônoma, mas, treinados para decodificarem símbolos, o que, conseqüentemente, é fruto da má formação dos professores que, por não serem leitores, não podem ensinar sobre leitura, por isso, passam a utilizar as aulas de leitura e, posteriormente, de literatura, não para formarem leitores, mas, para propagarem conteúdos e datas, o que torna o ensino extremamente enfadonho e desinteressante, pois, o trabalho com a leitura não deve servir de pretexto para se ensinar gramática ou outros conteúdos, tal como tem sido visto, mas, para possibilitar ao aluno o seu pleno desenvolvimento humano e favorecer o seu contato com a arte, pois, a melhor forma de se criar uma aproximação entre o jovem e a literatura é possibilitando a leitura de textos literários.

Quando um professor resume seu ensino à essas práticas, só vem confirmar o total desconhecimento que ele possui acerca da função humanizadora da literatura, tal como afirmou Antonio Cândido. Deste modo, ausente esse conhecimento, sobraré exatamente o que tem sido visto hoje: um ensino exclusivamente conteudístico e nada mais, pois, apesar de a literatura precisar “ser entendida como um fenômeno social que nos põe em diálogo constante com todas as áreas do saber humano” (ALMEIDA, 2016, p. 169), não lemos literatura para aprender história, ciências ou matemática, lemos literatura para sermos humanizados. O aprendizado desses outros domínios é uma consequência e não a sua finalidade.

Todavia, convém avaliarmos que, além da falta de formação de professores para o trabalho com a leitura, outro fator que merece destaque e que tem favorecido essa problemática é a sobrecarga de trabalho a que os docentes são submetidos nas escolas, seja com relatórios, comissões, planejamentos, dentre tantas outras coisas. O que os impossibilita a execução de um trabalho mais bem produzido. Sem esquecer ainda dos docentes que precisam ensinar em mais de uma instituição para compensarem o problema dos baixos salários. Enfim, inúmeros problemas que interferem diretamente no aprendizado dos alunos e na qualidade do ensino.

De acordo com Antonio Candido (2002), a literatura possui a capacidade de humanizar o homem, pois, ela traz consigo três funções que são essenciais para todo ser humano, ou seja, primeiramente, satisfazer à necessidade universal de fantasia, pois, o ser humano tem essa necessidade natural, quer saiba disso ou não, por isso, a humanidade sempre esteve próxima à arte, seja nas pinturas, nos teatros, nas novelas, nos filmes, nas séries e na literatura. Em segundo, contribuir com a formação da personalidade, pois, o ser humano tende a repetir e a

copiar padrões daquilo que lhe agrada e, em terceiro, o conhecimento do mundo e do ser, pois, como vimos, a literatura traz como consequência o conhecimento das mais variadas áreas. É preciso, pois, que esse conhecimento esteja presente nas práticas docentes dos professores.

Após o entendimento das várias problemáticas que envolvem o ensino de leitura e de literatura atualmente, é possível o entendimento mais claro do que mais pode estar contribuindo para esta aversão à leitura apresentada pelos alunos e na incompetência leitora de grande parte deles, pois, existe uma estrita relação entre as áreas da literatura e da leitura, de modo que uma área influencia a outra tanto positiva quanto negativamente e, conseqüentemente, quando uma das áreas é mal trabalhada, a outra é automaticamente prejudicada, tal como temos visto.

De acordo com Zappone (2004), apesar de a relação entre leitura e literatura ser bastante evidente, o campo dos estudos literários só passou a se debruçar sobre o campo da leitura a partir das primeiras décadas do século XX e, de forma mais sistemática, a partir da década de 1960, podendo-se afirmar que esse interesse foi decorrente, em grande parte, do redimensionamento das noções de autor, texto e leitor, ou seja, a famosa tríade que constitui o próprio alvo de investigação da crítica literária, tal como afirma Cechinel (2013, p. 107)

De modo geral, pode-se dizer que o ensino de literatura está atrelado ao seguinte quadro: um autor, ou grupo de autores, que desejamos ou temos de abordar; um leitor, ou grupo de leitores, com qual construímos os significados; e, finalmente, uma ou mais obras que devemos discutir ou – caso isso seja de fato possível – uma ou mais obras que devemos ‘ensinar’.

Entretanto, embora aparentemente não apareça impasse algum nesta composição, visto que existem autores, leitores e textos formando essa tríade que está presente, sobretudo, na sala de aula, não existe uma harmonia entre esses campos, pois, a crítica literária sempre elegeu uma com maior importância em detrimento das outras, e conforme mudava-se quem estava em destaque, conseqüentemente, alterava-se a abordagem de análise.

Em um primeiro momento, a teoria literária debruçou-se exclusivamente sobre o autor, defendendo-o como a unidade detentora do sentido do seu texto. Apesar desta abordagem já ser considerada ultrapassada atualmente, ainda colhemos frutos nas aulas de literatura nos dias de hoje, quando, após a análise de um texto literário, o professor direciona o aluno a procurar entender o que o autor quis dizer e não ao que o próprio aluno foi capaz de entender de sua prática de leitura, pois, segundo Zappone (2004, p. 153)

Embora seja o produtor do texto, ou seja, aquele que articula linguisticamente ideias, sentimentos, posições, entende-se, hoje, que ele não controla o(s)

sentido(s) que sua produção pode suscitar. O autor não é mais considerado o ‘dono’ do sentido do texto nem pelos leitores, nem pelos responsáveis por editar ou transformar um original em objeto que vai ser lido.

Deste modo, com o avanço dos estudos literários, o autor foi retirado do topo, e passou-se a considerar o próprio texto como detentor das chaves para a interpretação de todo o sentido. Contudo, tal como aconteceu com o autor, o texto também foi sendo deixado de lado quando, libertando-se das amarras estruturalistas/funcionalistas, compreendeu-se que só a textualidade não era capaz de abranger todo o sentido do próprio texto, mas, que ele mesmo precisava de outros mecanismos que o auxiliassem, como nos evidencia Zappone:

A partir de novas abordagens da linguagem (pragmática, teoria da enunciação, análise do discurso), que passaram a considerar mais enfaticamente a relação linguagem-sociedade, o texto deixou de ser mera organização linguística que ‘carrega’ ou que ‘transmite’ pensamentos, informações ou idéias de seu produtor. (ZAPPONE, 2004, p. 153).

Assim, com a linguagem sendo entendida nos estudos linguísticos contemporâneos como incapaz de traduzir todas as intenções do falante, ainda de acordo com Zappone (2004), foi possível caracterizar o texto como uma estrutura cheia de lacunas e de não-ditos, possibilitando a ascensão do leitor, pois, se o próprio texto não diz tudo, nem o seu autor é o dono do seu sentido, o leitor passa a ser considerado como peça fundamental no processo da leitura, conforme ela afirma:

Seja individualmente, seja coletivamente, o leitor é a instância responsável por atribuir sentido àquilo que lê. A materialidade do texto, o preto no branco do papel só se transformam em sentido quando alguém resolve ler. E, assim, os textos são lidos sempre de acordo com uma dada experiência de vida, de leituras anteriores e num certo momento histórico, transformando o leitor em instância fundamental na construção do processo de significação desencadeado pela leitura de textos (sejam eles literários ou não). (ZAPPONE, 2004, 153-154).

E é a partir dessa visão sobre o leitor que surge as vertentes da Teoria da Recepção, pois, segundo Zappone (2004, p. 154), “[...] o princípio geral das várias vertentes da Estética da Recepção é recuperar a experiência de leitura e apresentá-la como base para se pensar tanto o fenômeno literário quanto a própria história literária. Em suma, trata-se de uma estética fundada na experiência do leitor”. Portanto, como fica evidente, as teorias que se orientam mediante o aspecto recepcional valorizam a figura do leitor.

Como já foi explicitado anteriormente, o interesse da crítica literária pela leitura e pela figura do leitor é um fato bastante recente, contudo, muitos autores já discutiram sobre a leitura a partir deste enfoque recepcional. Os variados pontos de vista de se debruçar sobre o mesmo objeto, ou seja, as especificidades de cada teoria, ganhou o nome de “Vertentes da Teoria da Recepção”, dividindo-se, segundo Zappone (2004), em três linhas de abordagem: A Estética da Recepção, formulada por Hans Robert Jauss, considerado o mais importante representante das teorias do aspecto recepcional; a Teoria do Efeito Estético, tendo por principal representante Wolfgang Iser; e a Sociologia da Leitura, que tem por representantes o pioneiro Robert Scarpit, e os que se seguiram como Roger Chartier e Pierre Bourdieu. Como já mencionado, neste trabalho daremos enfoque apenas à primeira linha de abordagem, ou seja, à Estética da Recepção e, posteriormente, ao Método Recepcional que surge sob sua influência.

De acordo com Zappone (2004), o advento da Estética da Recepção como um modelo teórico de leitura/interpretação do texto literário e de elaboração da história literária está diretamente relacionado ao desenvolvimento de modelos filosóficos que proporcionaram novas formas de ver a realidade e o mundo. Sendo assim, a Estética da Recepção sofreu forte influência da Fenomenologia, que, ainda de acordo com Zappone (2004, p. 154), pode ser definida da seguinte forma:

Em linhas muito gerais e sumárias, a Fenomenologia surgiu dos trabalhos desenvolvidos no começo do século XX, pelo alemão Edmund Husserl (1859-1938). Ele propunha que se repensasse o problema da separação entre sujeito e objeto, consciência e mundo, enfocando-se a realidade fenomênica dos objetos ou, em outras palavras, a maneira pela qual os objetos e a realidade são percebidos pela consciência.

Deste modo, a fenomenologia, buscando questionar as condições que torna possível qualquer forma de conhecimento, se efetiva como um método filosófico. A partir das considerações de Husserl, podemos compreender junto a Zappone (2004) que o texto literário só se efetiva como um texto literário de fato quando há uma consciência que o percebe e o experimenta, antes desse contato o texto não possui nenhuma definição. Sendo assim, a própria textualidade e literalidade depende da experiência de um leitor, pois, “ler é, também, criar o texto. Por isso, pode-se afirmar que as raízes da Estética da Recepção situam-se em princípios da fenomenologia e que as vertentes da Estética da Recepção são uma espécie de fenomenologia direcionada para o leitor”. (ZAPPONE, 2004, p. 155).

Hans Robert Jauss com seus livros “Pour une esthétique de la réception” (1978) e “A história da literatura como provocação à teoria literária” (1994) surge como um dos autores

mais relevantes e mais significativos entre os que privilegiam o leitor e a leitura nos estudos literários. As ideias de Jauss, dentre as linhas de abordagem da Teoria da Recepção, ficaram conhecidas sob o título de “Estética da Recepção”. Segundo Zappone (2004), Jauss reivindica que o modo como as obras foram lidas e avaliadas por seus diferentes públicos na história é que deve se tomar como princípio historiográfico da literatura. Portanto, para Jauss (1994, p. 23)

Considerando-se que, tanto em seu caráter artístico quanto em sua historicidade, a obra literária é condicionada primordialmente pela relação dialógica entre literatura e leitor – relação esta que pode ser entendida tanto como aquela da comunicação (informação) com o receptor quanto como uma relação de pergunta e resposta –, há de ser possível, no âmbito de uma história da literatura, embasar nessa mesma relação o nexos entre as obras literárias. E isso porque a relação entre literatura e leitor possui implicações tanto estéticas, quanto históricas.

Deste modo, fica evidente que para Jauss, o valor estético de um texto e a ligação desse texto com outros textos ao longo da história só são encontrados mediante a percepção do público leitor e não por uma questão unicamente estrutural ou temporal, visto que a maior relação presente no ato da leitura é o da literatura com o seu leitor. Sendo assim, a crítica mais bem produzida é aquela que vem do leitor, pois, é deste modo que se constitui a história da literatura, visto que “A história da literatura é um processo de recepção e produção estética que se realiza na atualização dos textos literários por parte do leitor que os recebe, do escritor, que se faz novamente produtor, e do crítico, que sobre eles reflete”. (JAUSS, 1994, p. 25).

A partir da Estética da Recepção e dos estudos de Jauss, outras abordagens foram surgindo, tal como o Método Receptional proposto por Bordini e Aguiar (1988 *apud* MELLO, 2010). Ainda que o pressuposto de Jauss não tenha se voltado à uma reflexão sobre o texto literário na escola, as autoras o utilizaram com maestria como base teórica para o surgimento do Método Receptional.

Este Método, por sua vez, tem por objetivo principal levar o aluno a uma transformação do seu horizonte de expectativas a partir de cinco etapas: 1) determinação do horizonte de expectativas; 2) atendimento do horizonte de expectativas; 3) Ruptura do horizonte de expectativas; 4) Questionamento do horizonte de expectativas; e 5) Ampliação do horizonte de expectativas. (BORDINI E AGUIAR, 1988 *apud* MELLO, 2010).

Deste modo, de acordo com Mello (2010), cada etapa descrita no Método Receptional se concretiza da seguinte forma: a primeira etapa consiste em investigar, através de um trabalho diagnóstico, acerca do interesse dos alunos, suas preferências temáticas e de gênero, e, sobretudo, os seus conhecimentos prévios. Na segunda etapa, o professor procurará atender ao

interesse dos alunos, propondo leituras literárias que se enquadrem nas suas respostas à primeira etapa. Na terceira etapa, o aluno começa a ser desafiado, ou seja, são introduzidos textos com elementos novos, mas, que contenham relação com as obras lidas na segunda etapa.

Na quarta etapa, o aluno procederá uma comparação das duas experiências de leitura que se realizaram nas fases anteriores, onde eles devem reconhecer as diferenças de perspectivas entre o primeiro procedimento e o segundo. E, por fim, na quinta etapa, o professor procurará estabelecer uma discussão do que os alunos adquiriram em questão de conhecimento e de experiência de vida, buscando o incentivo a leituras posteriores (MELLO, 2010).

Portanto, com o Método Recepional, buscamos que a experiência leitora dos jovens espalhados pelas salas de aula do Brasil seja levada em consideração, pois, enquanto indivíduos racionais, todos possuem a capacidade de construção da sua própria crítica sobre o mundo, mas, para isso, é importante que o aluno parta do texto literário que no momento se encontra mais acessível à sua realidade, para, posteriormente, adentrar a outras literaturas que estão presentes e são privilegiadas nos currículos escolares.

Segundo Meimes (2012, p. 1260) “Sabe-se que livros com temáticas fantásticas ou maravilhosas são a preferência dos alunos da educação infantil e, sendo assim, uma abordagem da leitura em sala de aula que privilegie a leitura fruída pode aproveitar muito as qualidades desses gêneros”, o que nos leva a afirmar, mediante experiências nas salas de aula, que essa preferência não é só dos alunos da educação infantil, mas, esse interesse está presente, sobretudo, entre o público jovem. Por isso, observando a facilidade com que esse tipo de literatura conquistou espaço entre esse público, é importante que o professor aproveite esse espaço. Portanto, faz-se necessário neste momento um aprofundamento desta literatura, a fim de, a compreendendo, possamos melhor trabalhá-la nas salas de aula.

2.2 Literatura Fantástica

Diante da proposta deste trabalho em torno da Literatura Fantástica, buscamos inicialmente a fundamentação nos estudos de Tzvetan Todorov. Não que ele tenha sido o precursor desta literatura, mas, por ter sido ele o teórico que, em 1968, com o seu livro *Introdução à literatura fantástica*, organizou e discutiu os estudos anteriores acerca desta literatura e, a partir deles, consolidou uma perspectiva teórica acerca do que seria de fato a Literatura Fantástica.

Para Todorov (2007, p. 7), “A expressão ‘literatura fantástica’ refere-se a uma variedade da literatura ou, como se diz comumente, a um gênero literário”, que, mediante nossa

compreensão, compreende narrativas ficcionais com um aspecto específico em comum, ou seja, as obras que estão centradas em elementos que não existem ou que não são reconhecidos na realidade, como também afirma Gama-Khalil (2013, p. 20) ao falar sobre Todorov:

Para esse teórico, nós, leitores, somos transportados para o âmago do fantástico na situação em que, pisando no solo de um mundo que conhecemos, um mundo prosaico às nossas vivências, sem anjos, demônios ou monstros, vemo-nos diante de um acontecimento impossível de esclarecer pelas leis deste mundo familiar.

De modo geral, o objetivo do trabalho de Todorov (2007) foi descobrir uma regra que, funcionando para muitos textos, possibilitasse a sua classificação como sendo “obras fantásticas”. Contudo, a Literatura Fantástica não se resume apenas a essa particularidade, mas, é apresentada por Todorov (2007) como um gênero amplo que abrange em seu leque outros gêneros literários e subgêneros, pois, desde o início do seu trabalho, Todorov (2007) entra em defesa da Literatura Fantástica enquanto um gênero literário amplo. Apesar de existirem outras abordagens acerca da literatura fantástica que a caracterizam não como um gênero, mas, como um modo literário, neste trabalho adotamos a concepção de gênero.

A partir das reflexões de Todorov, surgiu o questionamento acerca da finitude ou infinitude dos gêneros literários, pois, para ele não é possível mais pensar que existem apenas os gêneros épico, lírico e dramático propostos por Aristóteles nas duas principais obras da Antiguidade que trataram da literatura, “A Retórica” e “A Poética”, mas, que os gêneros são de fato infinitos e que estão em constante evolução.

Deste modo, conforme exposto acima, a Literatura Fantástica para Todorov se caracteriza como um gênero literário e esse reconhecimento é o que possibilitará o estabelecimento de relações entre as obras novas e aquelas já existentes, pois, para ele “Os gêneros são precisamente essas escalas através das quais a obra se relaciona com o universo da literatura” (TODOROV, 2007, p. 12).

A Literatura Fantástica pode ser considerada um gênero literário amplo, pois, abarca, dentro de sua composição, outros gêneros, tal como o fantástico, que é exemplificado por Todorov da seguinte forma:

Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar. Aquele que o percebe deve optar por uma das duas opções possíveis; ou se trata de uma ilusão dos sentidos, de um produto da imaginação e nesse caso as leis do mundo continuam a ser o que são; ou então o acontecimento realmente ocorreu, é

parte integrante da realidade, mas nesse caso essa realidade é regida por leis desconhecidas para nós. Ou o diabo é uma ilusão, um ser imaginário; ou então existe realmente, exatamente como os outros seres vivos: com a ressalva de que raramente o encontramos. (TODOROV, 2007, p. 30-31).

Ou seja, em outras palavras, o fantástico, que é um dos gêneros pertencentes à Literatura Fantástica, consiste na presença do sobrenatural, mas, mediante a especificidade da presença de uma incerteza ou vacilação, que pode ser de algum personagem ou do próprio leitor, de modo que não se tem certeza se o fato que está sendo narrado é mesmo uma realidade no mundo literário ou se consiste em uma ilusão dos sentidos.

Sendo assim, enquanto a vacilação se faz presente, estamos diante de um texto que pertence ao gênero fantástico, no momento que as inquietações são respondidas, saímos do gênero fantástico e adentramos em algum dos gêneros vizinhos a ele, a depender da resposta que obtivermos, sem, contudo, sair do campo da Literatura Fantástica. Esses gêneros vizinhos ao gênero fantástico são assim dispostos por Todorov:

O fantástico, como vimos, dura apenas o tempo de uma hesitação: hesitação comum ao leitor e à personagem, que devem decidir se o que percebem depende ou não da “realidade”, tal qual existe na opinião comum. No fim da história, o leitor, quando não a personagem, toma contudo uma decisão, opta por uma ou outra solução, saindo desse modo do fantástico. Se ele decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: o estranho. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, estamos no gênero do maravilhoso. (TODOROV, 2007, p. 47-48).

A título de exemplificação, em um primeiro momento teríamos a seguinte estrutura: um gênero literário amplo que seria a Literatura Fantástica e dentro dela os gêneros Estranho, Fantástico puro e o Maravilhoso.



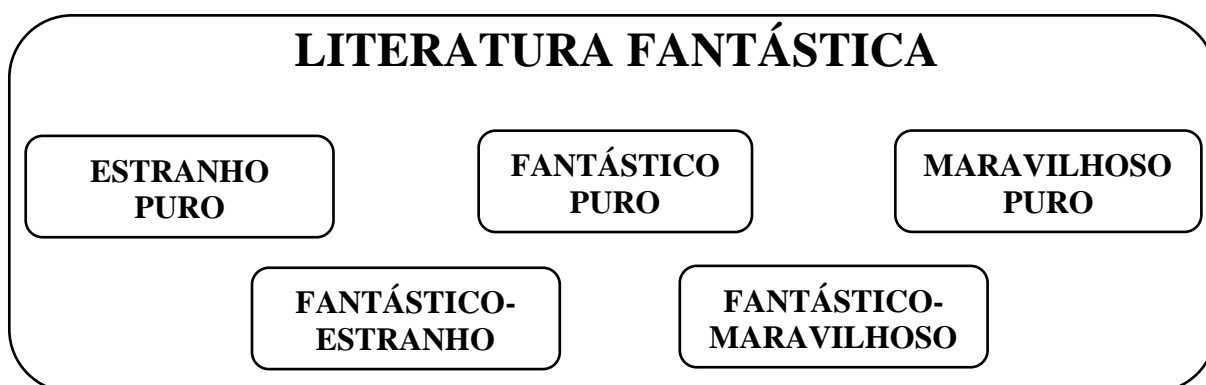
Enquanto estamos diante da hesitação ou da vacilação no texto literário, ou seja, sem ter certeza de que os acontecimentos aparentemente sobrenaturais da narrativa são de fato

sobrenaturais ou se diz respeito a algo real que ainda será explicado, estamos no campo do gênero Fantástico Puro. Quando o fenômeno é revelado como de fato sobrenatural, adentramos o campo do gênero Maravilhoso, contudo, quando se comprova que o fenômeno pode ser explicado perante as leis naturais e não se trata de algo sobrenatural como se pensava, a vacilação é cessada, e penetramos no campo do gênero Estranho. Porém, independente da definição final, o texto continua pertencendo ao gênero amplo da Literatura Fantástica.

Além dos gêneros explicitados que compõem o gênero Literatura Fantástica, Todorov (2007) ainda menciona outros dois subgêneros que também pertencem a esse universo, o Fantástico-estranho e o Fantástico-maravilhoso que segundo Gama-Khalil (2013, p. 21):

Entre o estranho, o maravilhoso e o fantástico, temos ainda outros gêneros vizinhos: o fantástico-estranho e o fantástico-maravilhoso. A diferença entre o fantástico-estranho e o estranho puro estabelece-se porque enquanto no segundo uma explicação racional é evidenciada no texto, no primeiro, há apenas uma sugestão a explicação racional. No estranho muitas vezes nada de sobrenatural acontece e muitas vezes, nós, leitores, sabemos disso, todavia, os fatos reais nos apavoram tanto quanto ou mais que os sobrenaturais. No fantástico-maravilhoso, as narrativas se iniciam com fatos fantásticos, mas que por fim terminam com a aceitação do sobrenatural, por isso, para Todorov, essas narrativas estariam bem próximas do fantástico puro.

Com o acréscimo desses dois subgêneros, podemos visualizar a estrutura do gênero Literatura Fantástica disposto por Todorov da seguinte forma:



Deste modo, como vimos anteriormente, enquanto estamos diante da vacilação estamos diante do gênero fantástico puro. Se não houve vacilação, pois, desde o começo o sobrenatural é apresentado como algo natural, estamos no gênero maravilhoso puro. Se, por outro lado, não houve vacilação, mas, percebemos que, embora não se tratem de acontecimentos sobrenaturais como é colocado para a literatura fantástica, o acontecimento é tão chocante que até parece surreal, estamos no gênero estranho puro. Quando a vacilação é existente, mas, no final da

narrativa o sobrenatural é aceito, nos encontramos no subgênero fantástico-maravilhoso, se, por outro lado, a vacilação existe, mas, no final o sobrenatural é explicado como algo real, nos encontramos, portanto, no subgênero do fantástico-estranho. O que evidencia claramente a noção de gênero proposta por Todorov.

De acordo com Marisa Martins Gama-Khalil (2013), uma das bases para o estudo de Todorov foi Louis Vax (1974) que também distingue o gênero fantástico de outros gêneros que com ele fazem fronteira. Para este autor, fazem fronteira com o fantástico o “feérico (que compreende o maravilhoso), a poesia, o macabro (que compreende o horror), a literatura policial, o trágico, o humor, a utopia, a alegoria e a fábula, o ocultismo, a psicanálise e a psiquiatria, a metapsíquica”. (GAMA-KHALIL, 2013, p. 21). Portanto, fica evidente que tanto Todorov, quanto Louis Vax filiam-se à mesma ideia que considera o fantástico como gênero.

Outro pesquisador que possui uma compreensão semelhante a de Todorov acerca do fantástico como gênero é o teórico espanhol David Roas, que com o seu livro “A ameaça do fantástico: aproximações teóricas” de 2014, evidencia que tanto ele quanto Todorov possuem o mesmo entendimento inclusive na necessidade da presença do sobrenatural para que se possa falar em Literatura Fantástica, conforme ele mesmo afirma: “a literatura fantástica é o único gênero literário que não pode funcionar sem a presença do sobrenatural”. (ROAS, 2014, p. 31). A esse respeito, o autor ainda afirma:

Baseada, portanto, na confrontação do sobrenatural e do real dentro de um mundo ordenado e estável como pretende ser o nosso, a narrativa fantástica provoca – e, portanto, reflete – a incerteza na percepção da realidade e do próprio eu; a existência do impossível, de uma realidade diferente da nossa, leva-nos, por um lado, a duvidar desta última e causa, por outro, em direta relação com isso, a dúvida sobre nossa própria existência, o irreal passa a ser concebido como real, e o real, como possível irrealidade. (ROAS, 2014, p. 32)

Por conseguinte, a noção de fantástico defendida pelo autor também passa pela vacilação, ou como ele chama, pela incerteza mediante a existência do impossível ou de uma realidade diferente da nossa.

Deste modo, tendo-se estabelecido as noções de Literatura Fantástica que vem basilar este trabalho, a partir deste ponto, apresentaremos a obra *corpus* desta pesquisa.

3 O CONTO FANTÁSTICO/MARAVILHOSO

A obra que vem auxiliar esta proposta de trabalho da Literatura Fantástica como ferramenta para a formação do leitor é *Os contos de Beedle, o Bardo*, uma coletânea de 5 contos da autora J. K. Rowling, escritora da famosa saga *Harry Potter*, saga essa que foi responsável por tirá-la do anonimato com mais 450 milhões de cópias vendidas dentre os sete volumes e que, conseqüentemente, colocou-a na lista dos autores mais vendidos do mundo. Entrementes, a referida coletânea pertence ao mesmo universo da saga que elevou a autora.

Apesar de a coletânea *Os contos de Beedle, o Bardo* não ser tão conhecida quanto a saga *Harry Potter*, é possível que qualquer leitor que tenha conhecimento desta saga, também já ouviu falar desta coletânea, sobretudo, pelo *O conto dos três irmãos* que é apresentado integralmente no último volume que compõe a saga *Harry Potter* e é uma peça fundamental para o desfecho da referida saga. Portanto, mediante este caminho que encontramos aberto, optamos pelo trabalho com *Os contos de Beedle, o Bardo* esperançosos de que ele seja capaz de estimular os jovens dos anos finais do ensino fundamental à leitura literária.

Joanne Kathleen Rowling, autora da coletânea, nasceu em Yate, na Inglaterra, no dia 31 de julho de 1965, filha de Peter Jolin Rowling e de Anne Volant. Seus pais, que gostavam muito de ler, contribuíram para que J. K. Rowling crescesse cercada de livros e despertasse, já na infância, o sonho de ser escritora, escrevendo seu primeiro livro de ficção aos seis anos de idade sob o título *A história de um coelho chamado Coelho*. Já adulta, em uma viagem de trem entre Manchester e King's Cross inicia a escrita do primeiro livro da saga *Harry Potter* que a levaria, posteriormente, à fama.

Os contos de Beedle, o Bardo, publicado pela primeira vez em 13 de dezembro de 2007, foi escrito por J. K. Rowling a fim de apoiar à organização filantrópica Lumos que tem por objetivo beneficiar crianças órfãs da Europa retirando-as dos grandes orfanatos onde elas não possuem vínculos familiares e são privadas dos cuidados amorosos o que impossibilita a construção do senso de identidade individual, realocando-as ao convívio com famílias, sejam suas próprias famílias, famílias adotivas ou pequenos lares comunitários. Deste modo, toda a renda adquirida com este livro é utilizada para este fim.

A referida obra que é definida pela própria autora como “uma coletânea de histórias populares para jovens bruxos e bruxas” (ROWLING, 2017, p. XI), reúne cinco contos que são apresentados como sendo pertencentes à outra realidade, ou seja, a um universo fantástico onde se faz presente o sobrenatural, conforme se observa nas palavras da autora que define como histórias “contadas há séculos à hora de dormir, daí serem o ‘Caldeirão saltitante’ e a ‘Fonte da

sorte' tão conhecidas de muitos alunos de Hogwarts quanto 'A gata borralheira' e 'A bela adormecida' das crianças trouxas² (não mágicas)" (ROWLING, 2017, p. XI).

É importante ressaltar que o que a autora quer dizer não é só que os contos trazem uma temática na perspectiva fantástica, mas, que o próprio local onde os contos circulam é dentro dessa realidade sobrenatural, mais precisamente, no universo da saga *Harry Potter*, onde as pessoas inseridas nesse mundo, ou seja, os jovens bruxos e bruxas, é que tem acesso a essas histórias. Os contos que compõem a coletânea são: *O bruxo e o caldeirão saltitante*; *A fonte da sorte*; *O coração peludo do mago*; *Babbity, a coelha, e seu toco gargalhante*; e, por fim, *O conto dos três irmãos*.

Deste modo, assim como os contos de fada foram e continuam sendo utilizados com o objetivo de ensinar valores às crianças, as histórias de *Os contos de Beedle, o Bardo* se apresentam na mesma perspectiva, contudo, com a especificidade de ensinar valores a crianças bruxas, já que são histórias específicas de um mundo imaginário, ou seja, o mundo bruxo, como é possível observar no trecho a seguir:

As histórias de Beedle se assemelham aos nossos contos de fadas sob muitos aspectos; por exemplo, a virtude é normalmente premiada e o vício castigado. Apresentam, porém, uma diferença evidente. Nos contos de fadas trouxas, é comum a magia estar na raiz dos problemas do herói ou da heroína – a bruxa malvada envenenou a maçã, ou fez a princesa mergulhar em um sono de cem anos, ou transformou o príncipe em uma fera horrenda. Em *Os contos de Beedle, o Bardo*, ao contrário, encontramos heróis e heroínas que, embora capazes de realizar mágicas, descobrem que lhes é quase tão difícil resolver seus problemas quanto o é para nós, trouxas. As histórias de Beedle ajudaram gerações de pais bruxos a explicar este doloroso fato da vida aos seus filhinhos: a magia tanto causa dificuldades quanto as resolve. (ROWLING, 2017, p. XI-XII).

Portanto, a autora nos leva a imaginar que essas histórias não pertencem a este mundo real que conhecemos, mas, que os leitores que têm acesso a elas estão inseridos em outra realidade, uma realidade ficcional, o que eleva seus leitores, ainda que *trouxas* ao status de bruxos e inseridos em um universo fantástico paralelo. Por isso, a partir do momento que um jovem tem em suas mãos *Os contos de Beedle, o Bardo* ele está automaticamente dentro de outra realidade, ou seja, ele é transportado para dentro da saga *Harry Potter*.

Outra questão que pode influenciar no interesse do público jovem por esta leitura é a inclusão dos personagens da saga *Harry Potter* ao corpo da obra, como, por exemplo os

² Trouxa é o termo utilizado no universo *Harry Potter* criado por J.K. Rowling para definir pessoas que não são bruxas.

comentários dispostos ao fim de cada conto que são do diretor da *Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts*, o professor *Dumbledore*, o que leva os leitores a uma inserção ainda maior ao universo criado pela autora. A esse respeito, a própria J. K. Rowling justifica ficcionalmente sobre como esses comentários chegaram ao livro, o que dá um aspecto ainda mais real ao que ela propõe.

Apesar das coincidências nos pontos de vista, foi uma surpresa descobrir uma coleção de notas sobre *Os contos de Beedle, o Bardo*, entre os muitos documentos que *Dumbledore* legou em testamento aos arquivos de *Hogwarts*. Se tais notas foram escritas para seu próprio prazer ou para futura publicação, jamais saberemos; recebemos, contudo, a gentil permissão da professora *Minerva McGonagall*, hoje diretora de *Hogwarts*, para incluí-las, com uma novíssima tradução dos contos feita por *Hermione Granger*. (ROWLING, 2017, p. XIV-XV).

Como se pode observar claramente, os personagens da saga *Harry Potter, Dumbledore, Minerva McGonagall e Hermione Granger* aparecem em *Os contos de Beedle, o Bardo* não como personagens, mas, como pessoas reais que contribuíram para a publicação desta coletânea, cada qual dando a sua contribuição, já que este livro é pertencente àquela realidade específica e não à nossa.

Tendo, pois, discorrido acerca dessas considerações iniciais, podemos então discutir os referidos contos que compõem a coletânea. O primeiro conto disposto na obra, *O bruxo e o caldeirão saltitante*, narra a história de um velho bruxo que convivendo entre vizinhos *trouxas* utiliza as suas habilidades com generosidade para servi-los. Contudo, para não revelar a verdadeira fonte de seu poder, ele fingia que suas poções, amuletos e antídotos saíam de um pequeno caldeirão que ele apelidava de sua panelinha da sorte.

De acordo com o conto, as pessoas viajavam quilômetros trazendo seus problemas e eram atendidas por ele. Contudo, após viver longos anos, o velho bruxo morreu e legou ao seu filho à missão de dar continuidade ao seu trabalho de ajudar aos outros. Entretanto, o filho que possuía uma natureza diferente à do seu pai, decide não ajudar ninguém, trazendo à tona uma das maiores problemáticas pertencentes ao universo mágico criado por J. K. Rowling, ou seja, a rivalidade entre os bruxos e os *trouxas*.

Essa rivalidade existente no mundo fantástico criado por J. K. Rowling faz referência ao período da inquisição católica vivida no período da Idade Média, onde muitas pessoas acusadas de bruxaria, foram queimadas. Essa referência pode ser encontrada facilmente no comentário de *Dumbledore*: “No início do século XV, a perseguição de bruxos se intensificava por toda a Europa. Muitos na comunidade mágica achavam, com toda a razão, que se oferecer

para lançar um feitiço no porco doente do vizinho trouxa equivalia a se oferecer para buscar lenha para sua pira” (ROWLING, 2017, p. 13).

Deste modo, para o filho bruxo, “quem não sabia fazer mágicas não valia nada, e ele muitas vezes discordara do hábito que o pai tinha de ajudar os vizinhos com sua magia” (ROWLING, 2017, p. 4). Após a morte do velho bruxo, o jovem encontrou escondido no fundo do caldeirão um embrulho com o seu nome. Pensando ser alguma herança, abriu-o, contudo, “encontrou uma pantufa grossa e macia, pequena demais e sem par. Dentro dela, um pedaço de pergaminho trazia a seguinte frase: ‘Afetuosamente, meu filho, na esperança de que você jamais precise usá-la.’” (ROWLING, 2017, p. 4-5).

O jovem irritado com a quebra de suas expectativas, joga o embrulho de volta no caldeirão e segue sua vida. Entretanto, os vizinhos começam a chegar à casa do bruxo para pedir ajuda para seus problemas, mas, ele nega. Tendo o jovem negado ajuda já à primeira vez, o caldeirão cria um pé de latão e começa a saltitar acompanhando o jovem para todo lado escancarando o problema que ele deixou de resolver.

Por mais que o jovem tentasse com os seus feitiços parar o caldeirão, não obtinha êxito. Conforme chegavam mais pessoas pedindo ajuda e o jovem bruxo não ajudava, o caldeirão absorvia e acumulava os problemas do povo, de modo que

Embora, pelo resto da semana, nenhum outro aldeão tivesse vindo à cabana do bruxo buscar ajuda, a panela o manteve informado dos seus muitos males. Em poucos dias ela não estava apenas zurrando, gemendo, transbordando, pulando e brotando verrugas, mas também engasgando e tendo ânsias de vômito, chorando como um bebê, ganindo feito um cão e cuspidando queijo estragado, leite azedo e uma praga de lesmas vorazes. (ROWLING, 2017, p. 8-9).

O bruxo, não conseguindo mais dormir nem comer, pois, a panela permanecia ao seu lado, resolve, enfim, utilizar sua magia para ajudar os outros. Quando ele resolve todos os problemas dos aldeões, a panela arrotou a pantufa grossa que o jovem havia jogado em seu fundo e permite que ele a calce em seu pé de latão. A partir desse dia, o bruxo passa a ajudar os aldeões para que a panela não viesse a descalçar a pantufa e recomeçasse a persegui-lo saltitando.

Percebemos neste primeiro conto da coletânea em análise que não existe vacilação quanto ao sobrenatural presente na narrativa, de modo que, por se tratar de uma família bruxa, a característica peculiar do caldeirão não causa espanto ao jovem bruxo, pois, é algo comum à

realidade do conto. Deste modo, de acordo com as definições propostas por Todorov (2007), *O bruxo e o caldeirão saltitante* se enquadra como pertencente ao gênero Maravilhoso puro.

O segundo conto presente na coletânea em análise é *A fonte da sorte*. Nele, como o título sugere, conta a história de uma fonte da sorte que se situava em um jardim encantado no alto de um morro envolto por muros altos e protegido por poderosa magia. De acordo com a narrativa, uma vez por ano, no período que compreende o nascer e o pôr do sol do dia mais longo do ano, uma pessoa recebia a oportunidade de entrar nos domínios dos altos muros e competir para chegar até a fonte e, banhando-se com suas águas, ter sorte a vida inteira.

No dia em questão, centenas de pessoas se encontravam ao redor do monte com a esperança de serem escolhidas para entrarem no jardim. Dentre elas estão presentes três bruxas que, com problemas a resolver, buscam essa oportunidade. São elas *Asha*, *Altheda* e *Amata*. A primeira sofria de uma doença que nenhum curandeiro tinha sido capaz de curar, a segunda tivera seus bens e sua varinha roubados por um bruxo mal e a terceira sofreu uma desilusão amorosa e esperava que a fonte aliviasse sua dor.

As três bruxas se encontrando entre a multidão, compadecendo-se umas das outras, decidem que, se alguma delas fosse a escolhida a entrar, tentaria levar as outras. Deste modo, quando o primeiro raio de sol surgiu ao céu, a multidão avançou desejando passar pelo muro quando de repente umas plantas rastejantes do interior do jardim se enrolaram na primeira bruxa, *Asha*, e ela, conforme combinado com as outras bruxas, agarrou o pulso da segunda, que segurou com força as vestes da terceira. Contudo, a terceira bruxa, acidentalmente, agarrou a armadura de um triste cavaleiro e entraram os quatro no jardim encantado.

As plantas rastejantes puxaram as três bruxas pela fresta do muro, e o cavaleiro foi derrubado do seu ginete atrás delas.

Os gritos furiosos da multidão desapontada se ergueram no ar matinal, e silenciaram quando os muros do jardim se fecharam mais uma vez.

Asha e *Altheda* se zangaram com *Amata*, que, acidentalmente, trouxera junto o cavaleiro.

– Apenas um pode se banhar na fonte! Já será bem difícil decidir qual de nós será, sem adicionar mais um! (ROWLING, 2017, p. 24).

O cavaleiro, percebendo que as mulheres eram bruxas, decide deixar o jardim, acreditando não ter nenhuma chance contra elas. Elas, porém, o desafiam a caminharem juntos e a ajudá-las a chegar à fonte. Então, os quatro seguem pelo jardim encantado até encontrarem o primeiro desafio: um monstruoso verme branco que proferiu as seguintes palavras: “*Paguem-me a prova de suas dores*” (ROWLING, 2017, p. 27). Todos tentam eliminar o verme, mas, sem sucesso, pois, o verme não queria deixá-los passar. Com o tempo passando e o sol cada

vez mais alto, *Asha* entra em desespero por ver sua chance de ser curada se esvaindo, e começa a chorar. O verme se aproxima, bebe suas lágrimas e os deixa passar, pois, as lágrimas era a resposta ao enigma.

Um pouco mais adiante, se deparam com o segundo desafio em umas palavras gravadas no chão que diziam: “*Paguem-me os frutos do seu árduo trabalho*”. (ROWLING, 2017, p. 28). Eles ignoraram a mensagem e continuaram a subir, contudo, após um tempo perceberam que se encontravam há horas sob mesmo lugar. O cavaleiro, pensando entender a charada, deposita a sua única moeda sob a inscrição, porém, a moeda rola e se perde. Continuaram andando e, ao mesmo tempo, pensando no que poderia ser a resposta ao enigma, quando *Altheda* percebe que quanto mais suor caía do seu rosto, a inscrição desaparecia. Assim, com o suor, passaram pelo segundo desafio.

Alguns passos adiante encontraram a fonte, porém, antes de poderem chegar a ela, havia um riacho bloqueando a passagem. No fundo da água transparente havia uma pedra com a seguinte inscrição: “*Paguem-me o tesouro do seu passado*”. (ROWLING, 2017, p. 30). O cavaleiro tentou atravessar o riacho, mas afundou. Refletindo sobre o teor da mensagem, *Amata* compreendeu que se referia às suas lembranças e, pegando sua varinha, retirou da mente todas as suas lembranças e deixou-as cair na correnteza, quando surgiram pedras sobre o riacho e eles puderam atravessar.

Estando eles diante da fonte, enquanto decidiam qual deveria entrar, *Asha* tombou ao chão exausta com a subida, e por causa de sua doença, ficando à beira da morte, quando *Altheda*, colhendo ervas, a curou. *Asha* achando-se curada, diz não precisar mais da fonte. *Altheda* que conseguiu curar sua amiga aceita que pode ganhar muito ouro com o seu trabalho e também não quer mais a água da fonte. *Amata* que tinha deixado todas as suas lembranças no riacho, não precisava mais da fonte para esquecer seu amado. Deste modo, o cavaleiro recebe a recompensa.

Quando o sol se pôs no horizonte, o Cavaleiro Azarado se ergueu das águas sentindo-se glorioso com o seu triunfo, e se atirou, ainda vestindo a armadura enferrujada, aos pés de *Amata*, a mulher mais bondosa e bela que já contemplara. Alvorçado com o sucesso, pediu sua mão e seu coração, e *Amata*, não menos feliz, percebeu que encontrara um homem que merecia os dois.

As três bruxas e o cavaleiro desceram o morro juntos, de braços dados, e os quatro levaram vidas longas e venturosas, sem jamais saber nem suspeitar que as águas da fonte não possuíam encanto algum. (ROWLING, 2017, p. 34).

É interessante perceber que, como o próprio texto deixa claro, o poder não está nas águas da fonte, mas, no percurso até chegar a ela. Porém, o fato de a água da fonte não ser mágica, não se nega a presença do maravilhoso em toda a história, visto haverem em todo o conto a demarcação do sobrenatural como algo natural à realidade das personagens. Deste modo, mediante a ausência da vacilação, mais uma vez se evidencia o gênero Maravilhoso puro.

O terceiro conto traz por título *O coração peludo do mago*. Neste conto é contada a história de um jovem mago rico, bonito e talentoso que, observando a mudança de comportamento de seus amigos quando se apaixonavam, resolve jamais se deixar dominar pelo que ele considera uma fraqueza, ou seja, o amor. Sendo assim, recorre às artes das trevas para garantir sua imunidade a este sentimento.

Tudo estava correndo bem, segundo o desejo do jovem. Muitas moças tentavam conquistá-lo com seus charmes, porém, nada o atraía. Até que um dia, após o jovem mago ouvir um comentário de seus empregados demonstrando pena por sua situação de nunca ter encontrado alguém, resolve, com seu orgulho ferido, encontrar a mais bela das moças para que todos passassem a sentir inveja de sua conquista.

Não demorou muito para que ele encontrasse uma bela bruxa dona de prodigioso talento e grande riqueza. Ela era tão diferente que mexia com o coração de todos os homens, exceto o do jovem mago. Apesar de não sentir nada por ela, o mago resolve cortejá-la, pois, ela era o prêmio que ele procurava. Todas as pessoas parabenizavam à jovem por ter conseguido o que nenhuma outra conseguiu, conquistar o mago, entretanto, a jovem sentia frieza no comportamento dele. Até que um dia, em um grande banquete em homenagem à donzela, ela descobre a verdade a seu respeito:

– Você fala bonito, mago, e eu ficaria encantada com suas atenções, se ao menos acreditasse que você tem coração!
O mago sorriu e lhe respondeu que, quanto a isso, ela não precisava temer. Pediu-lhe que o acompanhasse e, conduzindo-a para fora do salão, desceu à masmorra trancada à chave onde guardava o seu maior tesouro. Ali, em uma caixa de cristal encantada, encontrava-se o coração pulsante do mago. (ROWLING, 2017, p. 49).

A donzela aterrorizada com o aspecto do coração do mago que, por estar há muito tempo desligado do corpo, se cobriu de longos pelos negros, evidenciando que ele perdera a sua humanidade, tal como afirma *Dumbledore*: “ao procurar se tornar sobre-humano, esse jovem imprudente se torna inumano. O coração que ele guardou, escondido, lentamente murcha e cria pelos, simbolizando sua própria descida à animalidade”. (ROWLING, 2017, p. 57).

Assim, a donzela pede que o mago reponha o coração ao seu devido lugar, entretanto, quando o coração peludo do mago foi colocado de volta no seu peito e ele começou a sentir as emoções que há muito não sentia, percebeu que os apetites do seu coração recém-despertado tinham se tornado vorazes e perversos. Passado algum tempo, com os convidados sentindo a ausência do mago e da donzela, decidem procurá-los no castelo quando se deparam com uma cena aterrorizante:

A donzela jazia morta no chão, de peito aberto e ao seu lado ajoelhava-se o mago enlouquecido, segurando em uma das mãos ensanguentadas um grande e reluzente coração, que ele lambia e acariciava, jurando trocá-lo pelo seu. [...] Diante do olhar aterrorizado dos convidados, o mago atirou para um lado a varinha e agarrou uma adaga de prata. Jurando jamais ser dominado pelo próprio coração, arrancou-o do peito. Por um momento, o mago permaneceu de joelhos, triunfante, segurando um coração em cada mão; em seguida, caiu atravessado sobre o corpo da donzela e morreu. (ROWLING, 2017, p. 51-52).

Tal como nos contos anteriores, este se desenrola com o sobrenatural aparecendo de forma natural entre as personagens e o contexto da narrativa. O choque que a donzela tem ao ver o coração do mago, não é porque o mago conseguiu retirar o coração do seu corpo e permanecer vivo, tal como era de se esperar em nossa realidade, mas, por ele ter tido tal atitude, por isso, ela se conforma quando ele repõe o coração e a narrativa se segue na maior naturalidade, pois tal como afirma Todorov (2007), o gênero Maravilhoso puro funciona e se desenrola mediante regras próprias.

O quarto conto, *Babbitty, a coelha, e seu toco gargalhante*, narra a história de um rei que toma a decisão de que só ele deveria ter poderes mágicos. Assim, ordenou ao chefe do seu exército que fosse formada uma Brigada de Caçadores de Bruxos, equipando-a com uma matilha de ferozes cães negros. Mais uma vez, uma forte referência à inquisição. Contudo, o rei mandou publicar um decreto onde procurava um instrutor de magia.

Obviamente, nenhum bruxo ou bruxa atendeu ao chamado do rei, pois, estavam todos escondidos da Brigada montada por ele, além de pensarem ser uma armadilha. Contudo, um astucioso charlatão, vendo uma chance de enriquecer, apresentou-se ao palácio como um bruxo de enorme perícia, e após executar alguns truques simples a fim de convencer o rei sobre sua magia, passou a ser o seu instrutor, sendo nomeado imediatamente como Grande Feiticeiro-Chefe, e Mestre Régio de Magia.

O charlatão pediu ao rei que lhe desse um saco de ouro para que ele pudesse comprar varinhas e outros materiais mágicos necessários. Pediu ainda várias outras coisas ao que o rei

lhe entregou de bom grado. O falso bruxo, escondendo o seu tesouro em lugar seguro, voltou ao palácio a fim de instruir o rei. Havia, no entanto, uma velha lavadeira das roupas do palácio chamada *Babbitty* que, executando suas tarefas diárias, observava o treinamento do rei todos os dias. O charlatão, buscando ganhar tempo com o rei, entregou-lhe um graveto, dizendo ser a sua varinha e afirmando que, apesar de mágica, ela só produziria resultados quando ele se mostrasse merecedor.

Assim, todos os dias, eles desciam ao jardim do palácio e treinavam. O falso bruxo sempre mantinha o cuidado de executar alguns truques com o intuito de manter o rei convencido de seu grande poder. Após alguns dias de treinamento, estando o rei a pronunciar rimas sem sentido ao tentar produzir magia, ouviu uma grande gargalhada da lavadeira *Babbitty*. Enfurecido com as gargalhadas da velha, o rei decidiu que no dia seguinte reuniria toda a sua corte a fim de mostrar o seu poder. O charlatão, pensando em fugir, inventou uma desculpa de que precisaria sair no dia seguinte, entretanto, o rei o ameaçou e ele se viu obrigado a ficar.

Quando o rei retornou ao palácio, o charlatão, pensando em um plano para o dia seguinte, caminhou até à janela de *Babbitty* onde se surpreende com o que vê:

Espiando para dentro da casa, viu a velhinha sentada à mesa, encerrando uma varinha. Em um canto às suas costas, os lençóis do rei estavam se lavando sozinhos em uma tina de madeira.

O charlatão compreendeu imediatamente que *Babbitty* era uma bruxa genuína, e que, tendo lhe causado aquele terrível problema, poderia também resolvê-lo. (ROWLING, 2017, p. 66-67).

Após o falso feiticeiro compreender que a velha era uma bruxa, encoleriza-se contra ela e grita-a, pois, por causa dela ele estava naquela enrascada, ela, por outro lado, promete ajudá-lo. O falso bruxo sugere que *Babbitty* fique escondida atrás de uma moita durante a apresentação do rei e quando ele pronunciasse os feitiços, ela o faria em lugar dele para que todos pensassem, inclusive o próprio rei, que ele estava executando magia. No dia seguinte, com toda a corte reunida, tudo estava dando certo. Primeiro *Baabbitty* fez um chapéu desaparecer, depois um cavalo flutuar e o rei, ovacionado pelos nobres após cada feitiço, mostrava-se satisfeito.

Porém, o capitão da Brigada de Caçadores de Bruxos sugere ao rei que ressuscite um dos seus cachorros que falecera naquele dia. O rei, desconhecendo as leis da magia, concorda. Entretanto, no universo mágico criado por J. K. Rowling existem magias que não podem ser executadas, e ressuscitar os mortos é uma delas. Vendo os nobres que o rei não conseguia executar a magia, começam a murmurar e em seguida a rir dele. O rei enfurecido se volta contra

o charlatão, este, por sua vez, aponta para *Babbitty* no meio da moita e diz que o rei não está conseguindo executar sua magia porque a velha é uma bruxa que está o bloqueando.

Entrementes, *Babbitty* foge da moita enquanto é seguida pela Brigada de Caçadores de Bruxos. Os cachorros, perdendo a velha de vista, param diante de uma árvore e começam a farejar, o charlatão diz que *Babbitty* se transformou em uma árvore e ordena que a cortem ao meio temendo que a velha voltasse à sua forma humana e o denunciasse. Entretanto, após derrubarem a árvore, *Babbitty* continua falando e diz que não se pode matar uma bruxa cortando-a ao meio e sugere que façam o teste cortando o charlatão, este, por sua vez, apavorado, ajoelha-se e, pedindo misericórdia, confessa o seu crime.

Babbitty usando de sua esperteza diz ao rei que quando ele aceitou que cortassem ela ao meio, desencadeou uma terrível maldição sobre o seu reino. Deste modo, daquele dia em diante, cada maldade que o rei infligisse aos bruxos, sentiria ele mesmo a dor de uma machadada ao lado do seu corpo, até passar a desejar a própria morte. Ouvindo isso, o rei decide proteger os bruxos e para compensar *Babbitty* atende ao desejo dela de, para preservar sua memória, construir uma estátua sua acima da árvore cortada. Contudo a surpresa maior se dá no desfecho do conto:

Quando os jardins se esvaziaram novamente, esgueirou-se do buraco entre as raízes do toco uma velha coelha robusta e bigoduda com uma varinha presa entre os dentes. *Babbitty* saiu saltando pelos jardins para muito longe, a estátua de ouro da lavadeira, que recobria o toco, durou para sempre, e nunca mais os bruxos foram perseguidos naquele reino. (ROWLING, 2017, p. 75).

Assim, *Babbitty* nunca se transfigurara naquela árvore cortada, mas, ela possuía a rara habilidade de se transformar em animal e transformou-se em uma coelha. É importante ressaltar que mesmo depois que o rei decide dar uma trégua aos bruxos do seu reino, suspendendo a Brigada, *Babbitty* decide partir, pois, ela sabe que se fosse vista outra vez no palácio, o rei saberia que foi enganado e não cumpriria sua promessa. Deste modo, a bruxa decide se sacrificar, indo embora, para que seu povo tivesse paz.

Como nos outros contos discutidos até aqui, *Babbitty, a coelha, e seu toco gargalhante* também se caracteriza dentro do gênero Maravilhoso puro, pois toda a narrativa se constrói em um universo inteiramente sobrenatural, com a presença de características fora da realidade tal como conhecemos. Observamos que os acontecimentos sobrenaturais não causam estranheza às personagens, mas, por exemplo, quando é afirmado que a bruxa se transformou em uma árvore, todos aceitam essa verdade e derrubam-na, sem questionar a possibilidade deste fato.

Por fim, o quinto conto que compõe a coletânea de *Beedle* é o famoso *O conto dos três irmãos*. Nele é contada a história de três irmãos versados em magia que, encontrando-se diante de uma adversidade, ou seja, um rio profundo, decidem, com as suas varinhas, criar uma ponte para atravessarem. Com essa atitude, aparece diante deles a figura da Morte que, sentindo-se traída, pois, o normal seria que as pessoas se afogassem no rio, finge parabenizá-los por suas magias e, decide dar a cada um, um prêmio que eles mesmos escolhessem.

Contudo, o objetivo da Morte não era parabenizá-los ou presentear-los, mas, sabendo da condição humana geralmente ambiciosa e incapaz de discernir o que é bom para si, ela busca fazer com que as escolhas dos três irmãos pudessem antecipar o próximo encontro deles com ela. E é isso que de fato ocorre. O irmão mais velho, que era muito combativo, pede à Morte uma varinha que pudesse vencer a qualquer duelo, o segundo irmão, que era um homem infeliz por perder para a Morte a única mulher que amara, pede a ela o poder de ressuscitar os mortos, já o terceiro irmão, que era o mais humilde, desconfiado da atitude da Morte, pede a ela algo que o fizesse sair dali sem ser seguido por ela.

A Morte atendeu ao pedido dos três irmãos. Ao primeiro ela deu uma varinha de sabugueiro que ela mesma fabricou, chamada de a Varinha das Varinhas, que era a varinha mais forte do mundo, capaz de vencer qualquer duelo. Ao segundo, a Morte apanhou uma pedra da margem do rio e dotou-a do poder de ressuscitar os mortos e deu-a ao segundo irmão, chamada de a Pedra da Ressurreição, ao terceiro, a Morte deu, de má vontade, uma parte da sua própria Capa da Invisibilidade e os irmãos seguiram seus caminhos.

O primeiro irmão, chegando ao primeiro povoado, combate contra outros bruxos e, gabando-se de sua varinha, deixa evidente que ninguém pode derrotá-lo. À noite, porém, enquanto dormia, outro bruxo aproximou-se dele, roubou a Varinha das Varinhas e por segurança cortou a garganta do irmão mais velho. Assim, a morte levou o primeiro irmão. O segundo irmão, chegando em sua casa, decide usar o seu presente, a Pedra da Ressurreição, para ressuscitar a sua mulher amada, contudo, ela não voltou ao mundo dos vivos como ele queria, mas, aparecia como que por detrás de um véu e se mostrava infeliz, pois, não pertencia mais ao mundo dos vivos. O segundo irmão, frustrado por não conseguir mais tê-la, tira a própria vida a fim de unir-se a ela no outro mundo, assim, a Morte levou o segundo irmão.

O terceiro irmão, porém, por mais que a Morte o procurasse, não o encontrava. Só quando ele chegou a uma idade avançada, encontrou-se com ela:

Embora a Morte procurasse o terceiro irmão durante muitos anos, jamais conseguiu encontrá-lo. Somente quando atingiu uma idade avançada foi que

o irmão mais moço despiu a Capa da Invisibilidade e deu-a de presente ao filho. Acolheu, então, a Morte como uma velha amiga e acompanhou-a de bom grado, e, iguais, partiram desta vida. (ROWLING, 2017, p. 90-91).

Deste modo, também o quinto conto da coletânea *Os contos de Beedle, o Bardo*, também se encontra no campo do gênero Maravilhoso puro, pois, funciona diante uma realidade específica com leis próprias, sem vacilação de qualquer natureza. Assim, a coletânea inteira é demarcada pela presença do gênero Maravilhoso puro, pois, não existe a vacilação que é condição para o fantástico e em todos os contos o sobrenatural é mostrado como algo natural, como nos fundamenta David Roas sobre esse respeito:

Assim, diferentemente da literatura fantástica, na literatura maravilhosa o sobrenatural é mostrado como natural, em um espaço muito diferente do lugar em que vive o leitor (pensemos, por exemplo, no mundo dos contos de fadas tradicionais ou na Terra Média em que está ambientado *O senhor dos anéis*, de Tolkien). O mundo maravilhoso é um lugar totalmente inventado em que as confrontações básicas que geram o fantástico (a oposição natural/sobrenatural, ordinário/extraordinário) não estão colocadas, já que nele tudo é possível – encantamentos, milagres, metamorfoses – sem que os personagens da história questionem sua existência, o que permite supor que seja algo normal, *natural*. (ROAS, 2014, p. 33-34).

Mediante esta afirmação de Roas, estamos comprovadamente dentro da Literatura Fantástica, mais precisamente, dentro do gênero Maravilhoso puro conforme teorização proposta e compilada por Todorov (2007). Tendo, pois, comprovado o gênero específico de cada conto que compõe a coletânea, a partir deste ponto apresentaremos a proposta de trabalho da Literatura Fantástica como ferramenta para a formação do leitor nos anos finais do ensino fundamental, conforme o objetivo deste trabalho.

4 A LITERATURA FANTÁSTICA EM SALA DE AULA

Este trabalho traz a proposta de aplicação da Literatura Fantástica como ferramenta para a formação do leitor, a partir do Método Recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988), nos anos finais do ensino fundamental, tendo em vista ser esse o período em que se encontram as maiores problemáticas no que diz respeito ao descontentamento dos jovens para com a leitura. Portanto, convém compreendermos o que se entende por ensino fundamental.

De acordo com a LDB (1996), a educação básica é formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. Por ensino fundamental se compreende o ensino obrigatório com duração de 9 anos que tem por objetivo a formação básica do cidadão, iniciando-se aos 6 anos de idade do aluno e estendendo-se até os 14, dividindo-se em dois ciclos: primeiro, os anos iniciais do ensino fundamental que compreende o 1º, 2º, 3º, 4º e 5º ano e, em segundo, os anos finais do ensino fundamental que compreende o 6º, 7º, 8º e 9º ano.

Como já apresentado anteriormente, o Método Recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988) consiste na aplicação de cinco etapas, sendo elas, em um primeiro momento, a determinação do horizonte de expectativas do aluno, depois, o atendimento a este mesmo horizonte de expectativas, em terceiro, o rompimento deste horizonte, em quarto, o questionamento e à reflexão com base no horizonte criado e na ruptura ocorrida e, por fim, na ampliação desse horizonte de expectativas.

Deste modo, a nossa proposta busca oferecer aos professores de Língua Portuguesa uma sequência de trabalho para a formação de leitores nos anos finais do ensino fundamental, partindo do Método Recepcional e servindo-se da Literatura Fantástica, especificamente, da obra *Os contos de Beedle, o Bardo* da autora J. K. Rowling, a fim de que os alunos alcançados por essa proposta, passem do dever ao prazer da leitura literária.

Cabe-nos explicitar ainda que, como exposto anteriormente, este método busca em um primeiro momento atender ao horizonte de expectativas do aluno para depois rompê-lo, mas, que o rompimento mantenha alguma relação ou referência com a preferência do aluno. Contudo, por se tratar aqui de uma proposta ainda não aplicada, não temos como formular este horizonte de expectativas dos alunos de forma real, por isso, escolhemos previamente a primeira obra que fará parte da ruptura proposta pelo método, ou seja, *Os contos de Beedle, o Bardo*, obra escolhida por se levar em consideração a relação que o público jovem mantém com a Literatura Fantástica, relação que se estabelece, sobretudo, pela questão cinematográfica.

Mediante a divisão já proposta pelo Método Recepcional, esta proposta de aplicação será desenvolvida em 5 etapas: primeiro, 1 aula de 45 minutos para a definição do horizonte de

expectativas dos alunos. No segundo momento, 1 oficina de 1 hora e meia para a leitura e discussão de textos que atendam a esse horizonte de expectativas definido. Em terceiro, para a ruptura do horizonte de expectativas, a execução de oficina dividida em dois momentos de 1 hora e 30 minutos cada, primeiro com a exposição da obra *Os contos de Beedle, o Bardo*, e depois, com as análises e discussões da obra. No quarto momento, propomos a terceira oficina de 1 hora e meia de duração sobre a Literatura Fantástica, buscando proporcionar o questionamento dos alunos acerca da obra presente no atendimento ao horizonte de expectativas com a obra utilizada no momento da ruptura. E, por fim, no quinto momento, visita à biblioteca para ampliação do horizonte de expectativas e a continuação da prática leitora dos alunos.

1º ETAPA: DETERMINAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

É importante que, para a execução desta proposta, o professor rompa as barreiras da sala de aula e liberte os alunos das carteiras, pois, o ambiente é fundamental para que este trabalho alcance os melhores resultados. Para tanto, podemos pensar na organização de uma outra sala onde seja criada uma ambientação voltada à leitura, seja uma sala desocupada da escola, uma sala de leitura ou até mesmo a biblioteca, contanto que seja organizada previamente e que leve o aluno à curiosidade a partir da ambientação.

Neste primeiro momento, a fim de identificar o horizonte de expectativas do aluno, se levará o aluno a este ambiente preparado, onde a conversa poderá fluir de forma mais próxima entre ele e o professor. Para tanto, neste momento será deixada de lado a sala de aula comum e eles serão levados à sala preparada onde encontrarão um espaço sem carteiras com tapetes espalhados pelo chão onde eles poderão se sentarem livremente. É importante que essa sala também esteja com uma ambientação voltada à leitura, com livros espalhados pelo chão e pendurados em cordões ou barbantes.

Estando os alunos devidamente acomodados, o professor inicia o diálogo perguntando sobre o que eles acham que vai acontecer e sobre qual temática eles acham que irão trabalhar. Mediante a presença dos livros, é possível que os alunos respondam que a aula será sobre leitura ou literatura, contudo, independente de os alunos responderem acertadamente ou não, o professor responderá ao final explicando que nos cinco próximos encontros eles irão trabalhar sobre a leitura de literatura.

Tendo iniciado os alunos acerca do trabalho que vai se seguir nos próximos dias, o professor entregará a cada um deles um questionário (ANEXO I). A partir deste questionário, o professor irá estabelecer um diálogo com os alunos, primeiramente, executando as perguntas

dispostas neste questionário, onde os alunos irão respondendo oralmente. Após o desfecho do diálogo, o professor pedirá que eles marquem no questionário as suas respostas.

É importante que ao longo desse diálogo, o professor tire as dúvidas dos alunos acerca das palavras e dos gêneros que eles desconhecem, a fim de que o questionário receba as respostas de forma mais fidedigna possível, pois, é a partir destas respostas que se guiará toda a proposta. Ao final das perguntas, o professor recolherá os questionários para que ele possa avaliar posteriormente os gostos e preferências dos alunos, assim como, identificar aquilo que eles não mostraram interesse.

2º ETAPA: ATENDIMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Tendo recolhido as informações na primeira etapa desta proposta, o professor fará um levantamento daquilo que os alunos marcaram como gosto e, nesta segunda etapa, atender ao seu desejo. Uma questão que pode ser problemática nesta segunda etapa é que, mesmo se tratando de jovens na mesma faixa etária, dificilmente, os gostos serão unânimes, deste modo, o professor poderá atender a este horizonte de pelo menos dois modos: primeiro, fazendo um levantamento daquilo que a maioria mais gosta e começar o trabalho desta forma, e, concluída as cinco etapas, retornar à segunda etapa novamente abrangendo o horizonte de outro grupo de alunos até que todos eles sejam atendidos.

Ou, uma segunda proposta é de o professor procurar atender ao horizonte de expectativa de cada aluno já na primeira aplicação, escolhendo nesta etapa os textos que atendam às suas expectativas, contudo, para esta segunda alternativa, o professor precisará dispor de tempo e de um grande conhecimento de obras literárias, a fim de não trazer qualquer obra para o aluno, pois, esse fato poderia, ao invés de atrai-lo, afastá-lo mais ainda da leitura. Uma outra problemática desta alternativa se encontra na obra que será escolhida para a ruptura, pois, ela precisaria estar relacionada a todos os horizontes de expectativas dos alunos ao mesmo tempo. Por isso, sugerimos que a primeira alternativa possa funcionar de forma mais proveitosa.

É importante salientar que, no questionário disposto na primeira etapa (ANEXO I), além de questionar acerca dos tipos de leituras preferidos pelos alunos, também foi questionado acerca dos filmes preferidos por eles. Esta abordagem busca atender, sobretudo, aos alunos que não mostram nenhum apreço pela leitura, assim, mesmo se tratando de mídias diferentes, a literatura e o cinema, é inegável que elas possuam relação entre si, sobretudo, pelos gêneros. Então, em caso de um questionário de um aluno não leitor, o professor poderá estabelecer o

horizonte de expectativas aproveitando a questão do cinema para iniciá-lo na leitura de textos literários.

A segunda etapa será executada através de uma oficina com a duração de 1 hora e meia. A oficina se desenrolará da seguinte forma: os alunos serão levados à mesma sala onde este projeto está sendo executado. Na sala, haverá caixas de papelão com o nome de cada aluno colado nelas. Dentro dessas caixas, haverá um livro ou um texto curto que busque atender ao seu horizonte de expectativa, conforme respostas na primeira etapa deste trabalho. Este texto terá de ser lido no decorrer desta oficina.

Junto com o livro, na caixa de papelão também haverá um pequeno pedaço de papel (ANEXO II) com a pergunta sobre o que ele achou da leitura da obra. Após a leitura e a resposta do aluno, este devolverá os livros e os pedaços de papel devidamente preenchidos para dentro das caixas. Concluída as leituras e as respostas de todos os alunos, o professor os levará a discutir acerca da história que eles leram, destacando aquilo que acharam interessante e comentando, sobretudo, acerca da experiência da leitura.

3º ETAPA: RUPTURA DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Como já mencionado anteriormente, nesta etapa, o professor fará a ruptura do horizonte de expectativas do aluno, de modo que este não receberá mais um livro que seja do seu interesse ou de seu conhecimento, mas, um livro escolhido pelo professor, contanto que tenha alguma relação com o livro disponibilizado na etapa anterior, que tenha relação com o horizonte de expectativas do aluno delimitado na primeira etapa, de modo que, embora haja um rompimento, ele não é total, pois, mantém estrita relação com as duas etapas anteriores.

Para a realização desta terceira etapa foi escolhida a obra *Os contos de Beedle, o Bardo* de J. K. Rowling, pois, como já explicado anteriormente, em decorrência da não aplicação dessa proposta, a delimitação do horizonte de expectativas se torna impossível. Por isso, foram levados em consideração outras questões que podem estabelecer conexão com a realidade dos alunos, ou seja, o interesse comprovado que grande parte deles possuem pelos elementos e pelas literaturas de cunho fantástico/maravilhoso, assim como, por essa obra pertencer ao universo da saga *Harry Potter*, que é conhecida e admirada por grande parte dos jovens, sobretudo, pelas adaptações cinematográficas, o que pode favorecer o interesse do público em questão.

É importante salientar ainda que, tendo em vista o objetivo dessa proposta que é de que o aluno desperte o interesse pela leitura literária e que tenha contato com os livros, não é interessante que o aluno tenha contato apenas com a xerox do livro escolhido, mas, que seja

criado algum meio para que ele possa adquiri-lo, se caso a escola junto aos órgãos educacionais não possam disponibilizá-lo. Neste último caso, como forma de incentivo à leitura, poderão ser feitas rifas, livro de ouro, dentre outros meios de arrecadação na escola a fim de que o valor necessário para a aquisição dos livros seja levantado. É importante destacar ainda que, o livro precisa ser adquirido antes do início do projeto, para que nenhuma etapa seja atrasada pela ausência dele.

Tendo acontecido a aquisição dos livros, todos eles ficarão em posse do professor para que o aluno só tenha acesso a ele no momento oportuno, a fim de que se siga cada uma das etapas do Método Recepcional. Portanto, nesta terceira etapa será realizada a segunda oficina. Os alunos serão mais uma vez levados à sala de leitura onde encontrarão todos os livros embrulhados em papel de presente e com seus nomes neles. Cada um será direcionado ao seu local e, com a autorização do professor, abrirá os pacotes.

O professor fará a exposição do livro aos alunos, explicando que se trata de uma coletânea de cinco contos pertencentes ao universo da saga *Harry Potter* e aproveitará para perguntar quem conhece a referida saga. Após as considerações iniciais, o professor convidará os alunos a abrirem o livro no último conto que compõe a coletânea, *O conto dos três irmãos*, onde o professor irá propor, inicialmente, que cada aluno faça uma leitura silenciosa do referido conto. Seguida a leitura silenciosa, o professor realiza uma leitura coletiva do mesmo conto.

Após a leitura coletiva, se iniciará a discussão acerca das características do conto em questão. Convém deixar claro que é importante que o professor permita que o aluno expresse a sua análise, pois, essa é uma das propostas do Método Recepcional. Tendo concluído o debate, o professor fará a exposição da versão animada do conto presente no filme *Harry Potter e as Relíquias da Morte – Parte 2* a fim de relacionar o que os alunos imaginaram ao ler o conto com a representação cinematográfica.

Concluída a exibição, o professor entregará aos alunos um cronograma de leitura aos alunos (ANEXO III) para que eles, de forma ordenada, possam ler em suas casas os quatro contos restantes que compõem a coletânea, acompanhado de uma atividade simples a ser executada após a leitura de cada capítulo. O prazo de leitura sugerido é de 15 dias, quando acontecerá o próximo encontro, a fim de juntos discutirem e apresentarem suas análises sobre a obra.

Na data combinada, todos os alunos trarão os seus livros para a escola e juntos farão a discussão de cada um dos contos, suas análises, impressões, e as partes que lhe chamaram a atenção. Esperamos que neste momento os alunos tirem suas dúvidas, assim como, apresentem

os conhecimentos adquiridos e relatem as suas experiências de leitura, desde os pontos positivos até os desafios encontrados.

Durante o período de leitura dos alunos, o professor utilizará algumas das aulas de Língua Portuguesa para a confecção de representações das personagens dos contos, tal como, bruxos, bruxas, coelho, a morte, etc. a fim de utilizar este material na preparação da própria sala de aula deles para o momento do reencontro após a leitura, assim como, como forma de mantê-los em contato frequente com a obra que eles estão lendo em casa.

4º ETAPA: QUESTIONAMENTO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Após a leitura e discussão das obras ocorridas na etapa anterior, nesta etapa de questionamento do horizonte de expectativas, será realizada mais uma oficina de 1 hora e meia que se desenvolverá da seguinte forma: primeiro, o professor levará os alunos a realizarem uma relação do primeiro texto que eles leram na segunda parte desta sequência com o livro *Os contos de Beedle, o Bardo* buscando que os alunos reconheçam aquilo que as obras trazem em comum, ou seja, o aspecto sobrenatural, que são as experiências que não pertencem ao mundo real que eles conhecem. Para tanto, faz-se necessário que na aplicação desta proposta com a obra escolhida por nós, ou seja, *Os contos de Beedle, o Bardo*, sejam escolhidos textos que pertençam à Literatura Fantástica na segunda parte, a fim de que as relações pretendidas sejam possíveis.

Caso os alunos identifiquem os aspectos que as obras trazem em comum, ou seja, o aspecto fantástico ou sobrenatural, o professor avançará imediatamente para a quarta etapa. Caso os alunos não identifiquem, caberá ao professor direcioná-los a essa percepção, assim como, ouvir o que eles também apresentarão como relações entre os textos. Após isso, o professor utilizará desta oficina para a ministração de uma aula especial sobre a Literatura Fantástica, apresentando aos alunos um pouco sobre este tipo de literatura, expandindo o seu horizonte a fim de incentivá-los à busca de novos textos literários.

É importante que nesta quarta etapa a sala de aula do aluno ainda esteja ambientada com os aspectos fantásticos confeccionados por eles nas aulas, ou seja, além de livros espalhados, também estejam presentes os desenhos e trabalhos dos personagens que eles mesmo fizeram ao longo das aulas, a fim de que se crie ainda mais curiosidade e interesse sobre a Literatura Fantástica.

5º ETAPA: AMPLIAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Por fim, na quinta etapa que tem por objetivo a ampliação do horizonte de expectativas dos alunos, o professor poderá levá-los à biblioteca a fim de que eles possam ter contato com vários livros e, conseqüentemente, a partir do conhecimento adquirido sobre a Literatura Fantástica, possam de fato procurar uma ampliação de suas experiências leitoras. É importante que, se a escola não dispôr de biblioteca, que o professor organize esse momento em uma biblioteca fora da escola. Contudo, só não se pode permitir que sejam perdidas as sementes recém-plantadas.

Concluídas estas etapas que correspondem ao Método Recepcional proposto por Bordini e Aguiar (1988), esperamos que os alunos envolvidos neste processo apresentem um despertar para a leitura que se confirmará a partir da busca de novas leituras pelos próprios alunos, objetivando-se que, em determinado tempo, o professor não tenha dificuldades para trabalhar os textos literários que são propostos pelo currículo escolar, pois, a partir do contato dos alunos com leituras que são agradáveis a eles, espera-se que em pouco tempo eles não apresentem aversão para com as leituras sugeridas pela escola, mas, que como leitores, sintam-se desafiados por elas e não desistam.

Ainda é importante salientar que o trabalho com o Método Recepcional não termina com a 5ª etapa, mas, pode ser retomado quantas vezes forem necessárias, visto que o professor já possui um conhecimento acerca do horizonte de expectativas dos alunos, deste modo, pode rompê-lo quantas vezes forem necessárias até que os objetivos propostos sejam alcançados. Ao final de todo processo, o professor pode refazer a 1ª etapa com os mesmos alunos, ou seja, uma nova determinação do horizonte de expectativas, a fim de estabelecer uma relação com o horizonte de expectativas dos alunos antes da aplicação do Método Recepcional com o horizonte de expectativas dos alunos após a aplicação do Método Recepcional, com isso, o professor poderá apresentar aos próprios alunos suas evoluções no que diz respeito ao conhecimento de literatura e as suas experiências enquanto leitores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi desenvolvido uma proposta de trabalho com a Literatura Fantástica, especificamente, com a obra *Os contos de Beedle, o Bardo*, seguindo os passos do Método Recepcional que é fruto da Estética da Recepção, com o objetivo de proporcionar aos professores uma forma de trabalho que desperte nos alunos o prazer pela leitura de textos literários, partindo, para isso, de obras que estão mais próximas às suas realidades.

Entendemos que, com a alteração da visão da crítica literária acerca da tríade autor, texto e leitor, foi possível, mediante a corrente filosófica da Fenomenologia, o surgimento da Estética da Recepção e, posteriormente, do Método Recepcional pelas autoras Bordini e Aguiar (1988). Este método possibilitou o trabalho com a leitura literária na escola a partir do interesse do aluno, para, posteriormente, se chegar aos textos canônicos presentes no currículo.

A relevância desta pesquisa se efetiva mediante o panorama brasileiro na área da leitura, onde é perceptível os numerosos problemas que estão presentes em nossas escolas a esse respeito, pois, mesmo que há muito tempo já se desenvolvam trabalhos que visam a solução dessa problemática, nenhum ainda chegou a solucioná-la, seja por ineficiência docente ou por desconhecimento dos métodos eficazes.

Deste modo, esperamos que a metodologia de trabalho aqui proposta possa ser aplicada e testada no maior número de escolas possíveis, para que possa contribuir com a formação leitora de diversos alunos. Explicamos ainda que este método não deve se limitar a apenas esta obra, mas, que os professores levem em consideração o horizonte de expectativas dos seus alunos a fim de selecionarem com sucesso uma obra capaz de cativar o seu público.

A escolha de *Os Contos de Beedle, o Bardo* se deu ao fato da compreensão que temos acerca da grande facilidade com que a Literatura Fantástica atinge o público jovem, o que pode favorecer a formação de leitores, sobretudo, pelas obras que se tornaram *best-sellers*, a exemplo de *Harry Potter*, *Crepúsculo*, *O Senhor dos Anéis*, *As Crônicas de Nárnia* e tantas outras que atraem o público jovem consideravelmente, sobretudo, pela forte influência dos cinemas.

Destacamos que o estudo que aqui apresentamos é limitado, sobretudo, pela complexidade das teorias aqui abordadas e a ausência de aplicação. Contudo, esperamos ter legado a nossa contribuição aos professores de Língua Portuguesa no que diz respeito ao trabalho com a leitura literária na escola a partir da Literatura Fantástica, pois, sabemos que muitas vezes o professor encontra-se em uma situação de não saber mais o que fazer. Esperamos que esse trabalho forme muitos leitores de literatura dos mais variados gêneros, e, principalmente, da Literatura Fantástica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sherry Morgana Justino de. **Problematizações sobre pesquisa e ensino da teoria literária no Brasil**. Revista do GELNE, Natal/RN, Vol. 18 – Número 2: 168-183. 2016.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor** (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.

CÂNDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. In.: **Textos de intervenção**. 34. ed. Seleção, apresentações e notas de Vinícius Dantas. São Paulo: 2002.

CÂNDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

CECHINEL, André. **Teoria literário e o ensino da literatura: impasses**. Revista Educação (Porto Alegre, impresso), v. 36, n. 1, p. 107-114, jan./abr. 2013.

DO PRADO, Priscila Finger; ROTTINI, Cláudia Andréa. **O best-seller como ferramenta para a formação de leitores na escola**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_port_unicentro_claudiaandrearottini.pdf>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

G1. **Pisa 2018: dois terços dos brasileiros de 15 anos sabem menos que o básico de matemática**. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/12/03/pisa-2018-dois-tercos-dos-brasileiros-de-15-anos-sabem-menos-que-o-basico-de-matematica.ghtml>>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **A literatura fantástica: gênero ou modo?** Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, volume 26 (dez. 2013) – 1-130 – ISSN 1678-2054.

INEP. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil**. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/artigo/>>

/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206>. Acesso em: 01 de jul. 2020.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H. R. **Pour une esthétique de la réception**. Tradução Calude Millard. Paris: Editons Gallimard, 1978.

KASPARI, Tatiane, SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani. **Leitura do texto literário: fundamentos teóricos e justificativa para sua prática**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – v. 12 – n. 2 – p. 566-582 – jul./dez. 2016.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MEIMES, L. T. *Uma defesa dos gêneros do insólito na busca pela fruição: a literatura que ainda pode encantar e formar nossos leitores para a fruição*. In.: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 2012, Rio de Janeiro. Cadernos do CNLF (CIFEFIL). Rio de Janeiro: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2012. v. XVI. p. 1260-1267.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Do incentivo à leitura: teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces nº 40, p. 177-190, 2010.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. Tradução Julián Fuks. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

ROWLING, J. K. **Os contos de Beedle, o Bardo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva: 2007.

UOL. **Pisa: Brasil fica entre piores, mas à frente da Argentina.** Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2019/12/03/pisa-brasil-fica-entre-piores-mas-a-frente-da-argentina-veja-ranking.htm>>. Acesso em: 01 de jul. de 2020.

ZAPPONE, Mirian Hisae Yaegashi. *Estética da Recepção*. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. Maringá: UEM, 2004.

ANEXOS

ANEXO I

DETERMINAÇÃO DO HORIZONTE DE EXPECTATIVAS

Aluno/aluna: _____

1. Você possui livros em casa?

- Sim, muitos.
 Sim, poucos.
 Não.

2. Você gosta de livros?

- Sim.
 Não.

3. Você gosta de ler?

- Sim.
 Não.

4. Você já dormiu enquanto seu pai ou sua mãe lia uma história para você?

- Sim.
 Não.

5. Você já leu algum livro em sua vida?

- Sim, _____.
 Não, nunca.

6. Se você gosta de ler, marque os tipos de livros que você mais gosta. Se você não gosta, marque os tipos que você acha que poderia gostar.

- Aventura / Ação.
 Ficção científica.
 Histórias românticas.
 Poesia.
 Policiais.
 Religiosos.
 Auto-ajuda.
 Quadrinhos.
 Livro didático.
 Terror / suspense.
 Drama.
 Biografia.
 Fantástico.
 Outro _____.

7. Você gosta de assistir filmes?

- Sim.
 Não.

8. Se você gosta de filmes, marque os tipos de filme que você mais gosta. Se você não gosta, marque os tipos que você acha que poderia gostar.

- Ação.

- Animação.
 Aventura.
 Comédia.
 Comédia Romântica.
 Comédia dramática.
 Comédia de ação.
 Documentários.
 Drama.
 Espionagem.
 Fantasia.
 Faroeste.
 Ficção científica.
 Guerra.
 Musical.
 Policial.
 Romance.
 Suspense.
 Terror.

9. Você sabia que existem muitos livros que se transformaram em filme?

- Sim.
 Não.

10. Você já leu um livro que tenha se transformado em filme?

- Sim, _____.
 Não.

11. Você já tentou começar a ler um livro, mas, não conseguiu terminar?

- Sim, _____.
 Não.

12. Você já foi a uma livraria?

- Sim.
 Não.

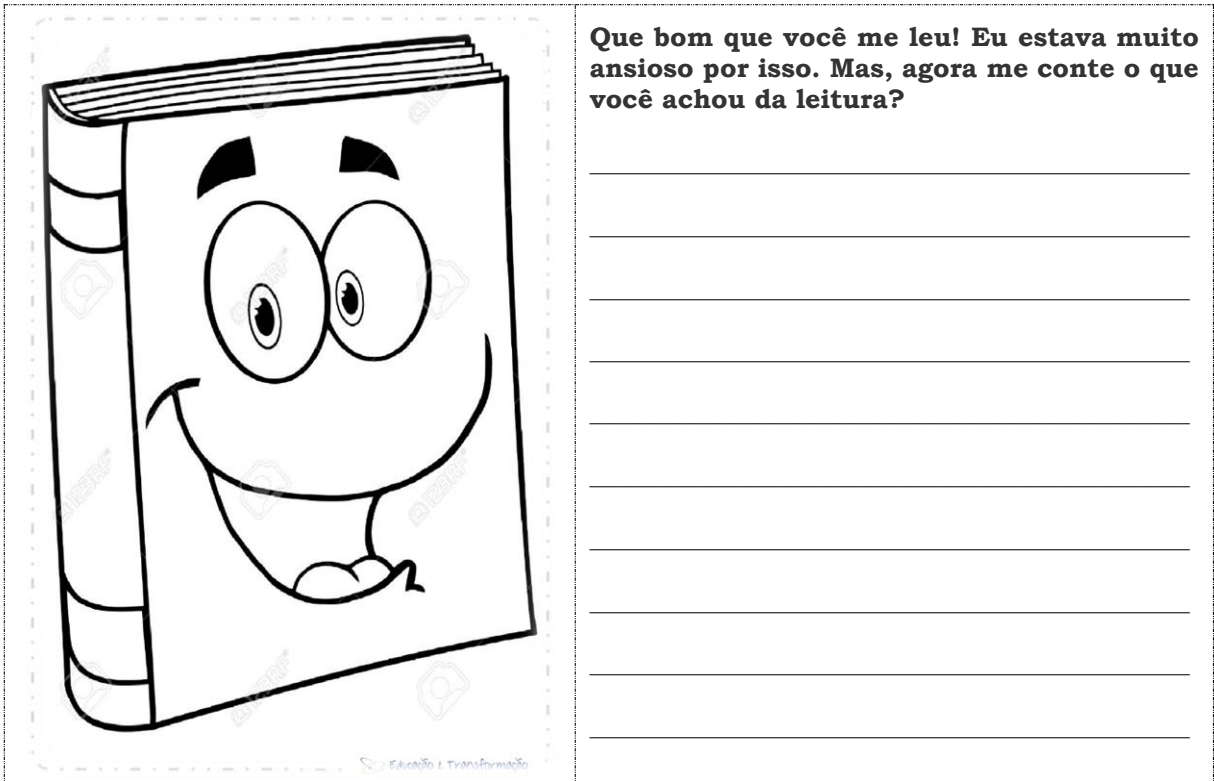
13. Você já foi a uma biblioteca?

- Sim.
 Não.

14. Quando você procura um livro para ler é por qual desses motivos?

- Porque você mesmo procura.
 Porque o professor indicou.
 Porque um amigo indicou.
 Por causa do título ou nome do livro.
 Por causa da capa e das figuras.
 Porque ganha de presente de alguém.
 Porque encontra na biblioteca.
 Por outro motivo: _____.

ANEXO II



Que bom que você me leu! Eu estava muito ansioso por isso. Mas, agora me conte o que você achou da leitura?

ANEXO III

CRONOGRAMA DE LEITURA

Os contos de Beedle, o Bardo
J. K. Rowling

DIA	TEXTO	AÇÃO
<i>Dia da 1ª oficina da 3ª etapa</i>	Comentários de Alvo Dumbledore sobre “O conto dos três irmãos”. (p. 92-103).	Relacionar os comentários de Alvo Dumbledore com o referido conto visto na escola.
<i>Segunda-feira</i>	-	Pesquisar e ler na internet informações sobre a autora J. K. Rowling.
<i>Terça-feira</i>	Introdução (p. xi-xix).	-
<i>Quarta-feira</i>	<i>O bruxo e o caldeirão saltitante</i> (p. 3-11).	Anotar no seu caderno qual a lição que o conto deixa para você.
<i>Quinta-feira</i>	Comentários de Alvo Dumbledore sobre “O bruxo e o caldeirão saltitante”. (p. 12-18).	-
<i>Sexta-feira</i>	<i>A fonte da sorte</i> (p. 21-34).	Anotar no seu caderno uma frase do conto que tenha chamado a sua atenção.
<i>Segunda-feira</i>	Comentários de Alvo Dumbledore sobre “A fonte da sorte”. (p. 35-40).	-
<i>Terça-feira</i>	<i>O coração peludo do mago</i> (p. 43-52).	Anotar no caderno a sua opinião sobre o motivo para o coração do mago ter ficado cheio de pelos.
<i>Quarta-feira</i>	Comentários de Alvo Dumbledore sobre “O coração peludo do mago”. (p. 53-58).	-
<i>Quinta-feira</i>	<i>Babbitty, a coelha, e seu toco gargalhante</i> . (p. 61-75).	Responder no caderno o porquê <i>Babbitty</i> foi embora se o rei já não ia mais perseguir os bruxos.
<i>Sexta-feira</i>	Comentários de Alvo Dumbledore sobre “Babbitty, a Coelha e seu toco gargalhante”. (p. 76-82).	-

ANEXO IV

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
------------------------------------	------------------------------

SEQUÊNCIA DIDÁTICA

DISCIPLINA <hr/> LÍNGUA PORTUGUESA	PROFESSOR(A) <hr/>	SÉRIE/ANO <hr/>
---	------------------------------	---------------------------

OBJETIVO

Incentivar a leitura literária nos anos finais do ensino fundamental aspirando a aquisição da prática da leitura pelos alunos servindo-se das etapas propostas pelo Método Recepcional tendo como ferramenta a Literatura Fantástica, especificamente a obra *Os contos de Beedle, o Bardo* (2017), da autora J. K. Rowling.

CONTEÚDOS

Gêneros literários e tipos de livros; leitura literária; Coletânea *Os contos de Beedle, o Bardo*; Literatura Fantástica; obras literárias.

RECURSOS DIDÁTICOS

Ambientação especializada, atividade xerografada, barbante, livros, tapetes, projetor, recursos de áudio, caixas de papelão, papel de presente, EVA, transporte, crachás de identificação.

ATIVIDADE MOTIVACIONAL

Exibição da versão animada do conto *O conto dos três irmãos* da coletânea *Os contos de Beedle, o Bardo*.

TEMPO ESTIMADO

01 aula de 45 minutos.
04 oficinas de 1 hora e 30 minutos.
01 turno de visitação à biblioteca.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

1ª aula:

Aula expositivo-dialogada, com base no tema em destaque, dentro de uma sala de leitura devidamente preparada a fim de, por meio do diálogo, levar o aluno a determinar o tipo de leitura que mais lhe desperta interesse, iniciando assim a primeira etapa do Método Recepcional.

2ª aula:

Leitura de livros na sala de leitura devidamente preparada buscando atender ao horizonte de expectativas determinado pelo aluno, dando continuidade ao Método Recepcional.

3ª aula:

Iniciação da leitura do livro *Os contos de Beedle, o Bardo* de J. K. Rowling na sala de leitura buscando romper com o horizonte de expectativas determinado pelo aluno, iniciando a terceira etapa do Método Recepcional.

4ª aula:

Discussão acerca da leitura do livro *Os contos de Beedle, o Bardo* de J. K. Rowling em casa pelos alunos concluindo assim a terceira etapa do Método Recepcional.

5ª aula:

Aula expositiva-dialogada acerca da Literatura Fantástica com base na obra *Os contos de Beedle, o Bardo* e a obra disponibilizada na segunda etapa do Método Recepcional,

6ª aula:

Visitação à biblioteca para contato dos alunos com os mais variados livros.

AVALIAÇÃO

Situações de levantamento dos conhecimentos prévios do aluno em relação aos tipos de textos que lhe atrai. Questionário individual. Leitura. Debates, considerando a participação dos alunos. Empréstimo de livros da biblioteca.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura:** a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ROWLING, J. K. **Os contos de Beedle, o Bardo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Do incentivo à leitura:** teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces nº 40, p. 177-190, 2010.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. 3. ed. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva: 2007.

ANEXO V

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
	Aula: 01
	Componente Curricular: Língua Portuguesa
	INFORMAÇÕES DO PROFESSOR
	Tema: Determinação do horizonte de expectativas

PLANO DE AULA

Título da aula: **Formação do leitor: determinação do horizonte de expectativas.**

Data: _____

Horário: _____

Duração: 45 minutos

1. *Objetivo*

Determinar os tipos de livros que os alunos demonstram maior interesse a fim de estabelecer um horizonte de expectativas.

2. *Conteúdo*

Gêneros literários e tipos de livros.

3. *Metodologia***3.1. Estratégias:**

Aula expositivo-dialogada, com base no tema em destaque, dentro de uma sala de leitura devidamente preparada a fim de, por meio do diálogo, levar o aluno a determinar o tipo de leitura que mais lhe desperta interesse, iniciando assim a primeira etapa do Método Recepcional.

3.2. Recursos técnico-pedagógicos:

Ambientação especializada, atividade xerografada, barbante, livros, tapetes.

3.3 Avaliação:

Questionário individual acerca dos gêneros literários.

5. *Referências*

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura:** a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Do incentivo à leitura:** teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces nº 40, p. 177-190, 2010.

ANEXO VI

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
	Aula: 02
	Componente Curricular: Língua Portuguesa
	INFORMAÇÕES DO PROFESSOR
	Tema: Atendimento do horizonte de expectativas.

PLANO DE AULA

Título da aula: **Formação do leitor: atendendo ao horizonte de expectativas.**

Data: _____ Horário: _____ Duração: 1 hora e 30 minutos

1. Objetivo

Disponibilizar para os alunos os tipos de livros que eles afirmaram possuir maior interesse a fim de atender ao horizonte de expectativas estabelecido na primeira aula.

2. Conteúdo

Leitura literária.

3. Metodologia**3.1. Estratégias:**

Leitura de livros na sala de leitura devidamente preparada buscando atender ao horizonte de expectativas determinado pelo aluno, dando continuidade ao Método Recepcional.

3.2. Recursos técnico-pedagógicos:

Ambientação especializada, atividade xerografada, caixas de papelão, livros, barbante, tapetes, papéis com os nomes dos alunos.

3.3 Avaliação:

Debate, considerando a participação dos alunos. Resposta à atividade xerografada.

5. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura:** a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Do incentivo à leitura:** teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces n° 40, p. 177-190, 2010.

ANEXO VII

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
	Aula: 03
	Componente Curricular: Língua Portuguesa
	INFORMAÇÕES DO PROFESSOR
	Tema: Ruptura do horizonte de expectativas.

PLANO DE AULA

Título da aula: **Formação do leitor: rompendo o horizonte de expectativas.**

Data: _____ Horário: _____ Duração: 1 hora e 30 minutos

1. Objetivo

Romper com o horizonte de expectativas criado pelos alunos, mantendo-se, entretanto, as devidas relações com o objetivo de iniciá-los a novas leituras.

2. Conteúdo

Leitura literária: *Os contos de Beedle, o Bardo*.

3. Metodologia**3.1. Estratégias:**

Iniciação da leitura do livro *Os contos de Beedle, o Bardo* de J. K. Rowling na sala de leitura buscando romper com o horizonte de expectativas determinado pelo aluno, iniciando a terceira etapa do Método Recepcional.

3.2. Recursos técnico-pedagógicos:

Ambientação especializada, atividade xerografada, papel de presente, livros diversos, barbante, tapetes, papéis com os nomes dos alunos, projetor, equipamento de áudio, livro: *Os contos de Beedle, o Bardo*.

3.3 Avaliação:

Debate, considerando a participação dos alunos.

5. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura:** a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ROWLING, J. K. **Os contos de Beedle, o Bardo**. Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ANEXO VIII

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
	Aula: 04
	Componente Curricular: Língua Portuguesa
	INFORMAÇÕES DO PROFESSOR
	Tema: Ruptura do horizonte de expectativas.

PLANO DE AULA

Título da aula: **Formação do leitor: compreendendo o novo campo literário.**

Data: _____ Horário: _____ Duração: 1 hora e 30 minutos

1. Objetivo

Compreender o processo de ruptura do horizonte de expectativas e discutir a obra *Os contos de Beedle, o Bardo*.

2. Conteúdo

Coletânea *Os contos de Beedle, o Bardo*.

3. Metodologia**3.1. Estratégias:**

Discussão acerca da leitura do livro *Os contos de Beedle, o Bardo* de J. K. Rowling em casa pelos alunos concluindo assim a terceira etapa do Método Recepcional.

3.2. Recursos técnico-pedagógicos:

Sala de aula dos alunos caracterizada com aspectos fantásticos da obra, material EVA, atividade xerografada, livros diversos, barbante, livro *Os contos de Beedle, o Bardo*.

3.3 Avaliação:

Leitura. Debate, considerando a participação dos alunos. Respostas à atividade xerografada.

5. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura:** a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ROWLING, J. K. **Os contos de Beedle, o Bardo.** Tradução de Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ANEXO IX

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
	Aula: 05
	Componente Curricular: Língua Portuguesa
	INFORMAÇÕES DO PROFESSOR
	Tema: Questionamento do horizonte de expectativas.

PLANO DE AULA

Título da aula: **Formação do leitor: descobrindo a Literatura Fantástica.**

Data: _____ Horário: _____ Duração: 1 hora e 30 minutos

1. Objetivo

Conhecer a Literatura Fantástica. Relacionar a obra *Os contos de Beedle, o Bardo* com a obra disponibilizada na segunda etapa.

2. Conteúdo

Literatura Fantástica.

3. Metodologia**3.1. Estratégias:**

Aula expositiva-dialogada acerca da Literatura Fantástica com base na obra *Os contos de Beedle, o Bardo* e a obra disponibilizada na segunda etapa do Método Recepcional,

3.2. Recursos técnico-pedagógicos:

Sala de aula dos alunos caracterizada com aspectos fantásticos da obra, livros diversos, barbante, livro *Os contos de Beedle, o Bardo*, projetor.

3.3 Avaliação:

Debate, considerando a participação dos alunos.

5. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura:** a formação do leitor (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica.** 3. ed. Tradução Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva: 2007.

ANEXO X

LOGOMARCA DA ESCOLA	INFORMAÇÕES DA ESCOLA
	Aula: 06
	Componente Curricular: Língua Portuguesa
	INFORMAÇÕES DO PROFESSOR
	Tema: Ampliação do horizonte de expectativas.

PLANO DE AULA

Título da aula: **Formação do leitor: ampliando o horizonte de expectativas.**

Data: _____ Horário: _____ Duração: _____

1. Objetivo

Ampliar o conhecimento acerca de obras literárias a partir de uma visita à biblioteca mediada pelo professor.

2. Conteúdo

Obras literárias.

3. Metodologia**3.1. Estratégias:**

Visitação à biblioteca para contato dos alunos com os mais variados livros.

3.2. Recursos técnico-pedagógicos:

Transporte escolar. Crachás de identificação.

3.3 Avaliação:

Empréstimo de livros da biblioteca.

5. Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor** (alternativas metodológicas). Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

MELLO, Cláudio José de Almeida. **Do incentivo à leitura: teoria da literatura, metodologia do ensino e a formação do leitor em questão**. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras, linguística e suas interfaces nº 40, p. 177-190, 2010.